

**SÔNIA RITA SOARES**

**SENTENÇAS COM TÓPICO EM PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

**FLORIANÓPOLIS - SC**

**2004**

**SÔNIA RITA SOARES**

**SENTENÇAS COM TÓPICO EM PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto

**Florianópolis, maio de 2004.**

***Dedico este trabalho ao meu amado  
Hugo e aos meus pais, Ernestina e  
Santos (in memoriam).***

# **Agradecimentos**

A realização deste trabalho foi possível graças à contribuição de muitas pessoas e instituições. Agradeço, em especial,

À Universidade Federal de Santa Catarina pela minha formação de graduação e pós-graduação;

À CAPES pelo apoio financeiro, concedido em forma de Bolsa de Mestrado;

Ao professor Carlos Miotto pelos ensinamentos e pelo incentivo durante todo o processo de orientação desta pesquisa;

Às professoras Maria Cristina Figueiredo Silva, Izete Coelho e Ana Paula Scher pelos valiosos comentários e pelas sugestões feitas na defesa da dissertação;

Aos integrantes do Projeto VARSUL pelo fornecimento dos dados;

À minha família pelo apoio incondicional;

Finalmente, a Hugo pelo amor e companheirismo.

# Sumário

<b>Resumo</b>	iii
<b>Abstract</b>	iv
<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Noções de Foco e de Tópico</b>	3
0. Introdução	3
1. Foco	4
1.1 Noção de Foco	4
1.2 Posições e Retomada	7
2. Tópico	9
2.1 Noção de Tópico	9
2.2 Posições e Retomadas	15
3. Resumo do Capítulo	18
<b>Capítulo 2</b>	
<b>Análises</b>	20
0. <i>Introdução</i>	20
1. <i>A Periferia Esquerda da Sentença</i>	21
1.1 <i>Tópico versus Foco</i>	26
1.2 <i>Tópico como Constituinte não-quantificacional</i>	30
1.3 <i>Resumo da Seção</i>	33
2. <i>A Periferia Esquerda do VP</i>	34
2.1 O Sujeito Pós-verbal	34
2.2 O Sujeito em FI	36
2.2.1 A Interpretação do Sujeito	37
2.2.2 A Posição do Sujeito	39
2.3 A Ordem VSXP	41
2.3.1 VSO e VSPP	41

2.3.2 VS O	43
2.4 A Ordem VSO: VO como Tópico	46
2.5 Resumo da Seção	48
<b>Capítulo 3</b>	
<b>Sentenças com tópico em Português Brasileiro</b>	<b>49</b>
0. Introdução	49
1. Tópicos à Esquerda	50
1.1 <i>Hanging Topic</i>	50
1.1.1 Posição de Sujeito Suplementar: Galves 1993	51
1.1.2 Posição Periférica de Tópico	54
1.2 <i>Clitic Left Dislocation (CLLD)</i>	59
1.3 <i>Topicalização</i>	63
2. Tópicos à Direita	68
2.1 Tópico Retomado por Pronome Tônico	68
2.2 Tópico Retomado por cv	72
3. Tópico Intercalado	76
4. Resumo do Capítulo	79
<b>Conclusão</b>	<b>81</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>85</b>

## Resumo

O objetivo desta dissertação é descrever e analisar sentenças com tópico em português brasileiro, tendo como base a Teoria Gerativa. Primeiramente, é estabelecida a noção de tópico e de foco, com o intuito de mostrar que são dois constituintes distintos. O foco é definido como a parte da sentença que veicula informação nova, e o tópico veicula informação velha. Seguindo análise de Rizzi (1997), assume-se que o tópico e o foco preenchem posições de especificadores das categorias TopP e FocP, respectivamente. O tópico pode ser retomado por elementos pronominais (clíticos ou não-clíticos), não é compatível com elementos quantificacionais nus e não é sensível aos efeitos de *WCO*, diferentemente do foco. Essas propriedades distintivas de tópico e de foco estão relacionadas ao fato de apenas o foco ser um constituinte de natureza quantificacional. No português brasileiro, o tópico da periferia esquerda da sentença pode ser retomado por um pronome tônico, por um clítico ou por uma categoria vazia (cv), constituindo três construções distintas: construção *Hanging Topic*, *Clitic Left Dislocation* e *Topicalização*. O tópico deslocado à direita pode ter como resumptivo um pronome tônico ou uma cv, gerando dois tipos de construções. Já o tópico intercalado parece que admite como resumptivo pronomes tônicos e epítetos, e não cvs. Os tópicos dessas diferentes construções preenchem a posição de Spec de TopP na periferia esquerda da sentença, embora apareçam em posições diferentes (à esquerda, à direita ou intercalado na sentença).

# Abstract

The aim of this thesis is to describe and analyze sentences with topic in Brazilian Portuguese, having as basis the Generative Theory. Firstly, the topic and focus notions are established with the intention of showing that these are different constituents. The focus is defined as the part of the sentence that transmits new information, in the other hand, the topic transmits old information. According to Rizzi (1997), it is assumed that the topic and the focus fill out positions of specifiers of the TopP and FocP categories, respectively. The topic can be retaken by pronominal elements (clitics or non-clitics), it is not compatible with bare quantificational elements and it is not sensitive to the WCO effects, differently of the focus. These distinctive properties of topic and focus are related to the fact that only the focus can be a constituent of quantificational nature. In the Brazilian Portuguese, the topic of the left periphery of the sentence can be retaken by a tonic pronoun, by a clitic or by an empty category (ec), constituting three different constructions: Hanging Topic, Clitic Left Dislocation and Topicalization. The topic dislocated to the right could have as resumptive a tonic pronoun or an ec, generating two types of constructions. In the other hand, the inserted topic seemingly admits as resumptive tonic pronouns and epithets, and non ec. The topics of these different constructions fill out the position of Spec TopP in the left periphery of the sentence, although they appear in different positions (to the left, to the right or inserted in the sentence).

# Introdução

Constituintes topicalizados têm sido objeto de estudo de várias pesquisas realizadas no Brasil (e também em outros países), tanto de orientação funcionalista (Pontes 1987) quanto de orientação gerativista (Kato 1998, Galves 1993 e 1998, Mito 2001, entre outros). Com essas pesquisas surgiram muitos consensos e também dissensos em relação à definição de tópico, a sua função e posição que assume na sentença. Ainda hoje persistem dúvidas sobre esse constituinte. Dessa forma, o presente trabalho surge como uma contribuição a mais para esclarecer esse assunto.

Esta dissertação tem como objetivo esboçar uma análise de construções com tópico em português brasileiro, tendo como base a Teoria Gerativa. A análise centra-se em construções que envolvem constituintes topicalizados deslocados à esquerda, à direita e intercalados na sentença-comentário. Para o desenvolvimento deste trabalho, serão utilizados dados do *corpus* da região urbana de Florianópolis, extraídos do Banco VARSUL (Variedade Lingüística Urbana da Região Sul), e também sentenças produzidas ou julgadas por outros falantes dessa língua.

O tópico não é o único constituinte que aparece deslocado na sentença. Um outro constituinte, o foco, também pode aparecer em determinadas construções. Assim, torna-se necessário definir tópico e foco, identificando suas propriedades semânticas e sintáticas mais marcantes, para evitar eventuais confusões.

A definição de tópico e de foco é um dos objetivos do primeiro capítulo desta dissertação. Será descrito como sentenças com estruturas de foco-pressuposição e de tópico-comentário são semanticamente interpretadas, seguindo proposta de Zubizarreta (1998). Com isso, procura-se evidenciar que tópico e foco são constituintes com naturezas informacionais distintas. Ainda no primeiro capítulo, serão apresentadas as posições sentenciais que constituintes focalizados e topicalizados podem assumir e seus possíveis elementos resumptivos, dando ênfase a construções do português brasileiro.

No segundo capítulo, será mostrado como alguns autores, como Rizzi (1997) e Belletti (2001), analisam sintaticamente sentenças contendo tópico e foco. Esses dois trabalhos são particularmente interessantes porque desenvolvem análises sobre a periferia esquerda da sentença (área do CP) e sobre a periferia esquerda do VP (área interna ao IP), e mostram como o tópico e o foco são estruturados nessas áreas.

Com a expansão do CP em várias categorias (ForceP, TopP, FocP e FinP), Rizzi (1997) postula posições de especificadores para alojar constituintes que até então eram classificados como adjuntos a IP ou a CP, como o tópico e o foco. Esses constituintes passam a preencher posições de especificador da categoria TopP e FocP, respectivamente. Com isso, o autor exclui a adjunção à esquerda.

Belletti (2001) postula para a área interna ao IP uma estrutura semelhante a que Rizzi (1997) propõe para o CP. Essa área, segundo a autora, conteria posições de tópico e de foco, responsáveis por alojar constituintes topicalizados e focalizados situados internamente à sentença. Os trabalhos de Belletti (2001) e de Rizzi (1997) serão tomados como base para realizar a descrição e análise de construções com tópico em português brasileiro, que será o tema do terceiro capítulo.

No terceiro capítulo, a análise centra-se em três tipos de construções com tópico deslocado à esquerda: construção *Hanging Topic*, *Clitic Left Dislocation* e *Topicalização*. Serão discutidos alguns trabalhos como o de Galves (1993, 1998) e Mito (2001), que tratam especificamente do português brasileiro. Apresenta-se também uma análise de dois tipos de construções com tópico deslocado à direita: com tópico retomado por pronome tônico e retomado por cv. Além disso, serão analisadas algumas construções com tópico intercalado na sentença. Assume-se que os constituintes topicalizados deslocado à esquerda, deslocado à direita e intercalado preenchem a posição de especificador da categoria TopP, uma posição-A' na sentença (cf. Rizzi 1997, Mito 2001, entre outros).

# Capítulo 1

## Noções de tópico e de foco

### 0. Introdução

O objetivo deste capítulo é descrever como se dá a interpretação semântica de sentenças com a estrutura de foco-suposição e a de tópico-comentário. Com isso, pretende-se estabelecer as noções de foco e de tópico, mostrando que são dois constituintes com naturezas informacionais distintas.

O foco é definido como a parte da sentença que veicula informação nova, e a suposição é a parte que veicula informação já dada no discurso. O foco pode assumir diferentes posições sentenciais. Pode aparecer *in situ* ou em uma posição deslocada na sentença, expressando diferentes interpretações (não-contrastiva e contrastiva). Quando deslocado, o foco deve ser retomado necessariamente por uma categoria vazia do tipo variável, e não por elementos pronominais.

Diferentemente do foco, o tópico é definido como a parte da sentença que corresponde à informação velha, informação partilhada pelos interlocutores. E o comentário é a parte da sentença que veicula informação nova, podendo veicular em conjunto uma informação já dada no discurso.

O tópico pode assumir diferentes posições nas sentenças. Pode aparecer deslocado à esquerda, à direita ou então intercalado na sentença-comentário. Esse constituinte pode ser retomado por diferentes tipos de elementos, dependendo das especificidades de cada língua. No português brasileiro, por exemplo, o resumptivo do tópico pode ser um pronome tônico, um epíteto, um clítico ou uma categoria vazia, constituindo assim diferentes construções.

# 1. Foco

## 1.1 Noção de foco

Determinadas sentenças apresentam uma estrutura de foco-pressuposição. O foco pode ser definido como a parte da sentença que veicula uma informação nova (não-pressuposta). E a pressuposição é a outra parte da sentença, que veicula uma informação velha, informação partilhada pelos interlocutores envolvidos em um determinado contexto discursivo.

Num contexto neutro (*out of the blue*) não podemos determinar, em princípio, qual é o foco e qual é a pressuposição da sentença. Assim, se não criamos um contexto apropriado para (1), não conseguimos saber se o foco é o *João, o livro, comprou* ou a sentença inteira.

(1) O João comprou o livro.

Por isso, torna-se necessário criar contextos para identificar o foco das sentenças.

Uma forma para identificar o foco e a pressuposição de uma sentença como (1) é imaginar que ela é resposta de uma determinada pergunta do tipo Wh, como (2):

(2) O que o João comprou?

A pergunta (2) serviria então de contexto para estabelecer o foco e a pressuposição na resposta. Isto acontece porque a pergunta contextualizadora representa uma solicitação ao ouvinte para que ele forneça uma informação que o falante não sabe e quer saber. A resposta adequada deve veicular esta informação, que vai corresponder exatamente ao valor que é atribuído pelo ouvinte à variável aberta pela expressão Wh. Assim, a pergunta em (2) contém a expressão Wh *o que*, que abre uma variável relativa àquilo que foi comprado, e a resposta (1) contém o valor *o livro* para a variável aberta. Se a pergunta fosse (3),

a expressão *Wh quem* abriria uma variável relativa à pessoa que comprou o livro e a resposta (1) atribuiria o valor *João* para a variável aberta.

(3) Quem comprou o livro?

Além de abrir uma variável que induz a informação nova, a pergunta também determina qual é a informação partilhada pelos interlocutores, a pressuposição. Se substituirmos a expressão *Wh* da pergunta por um indefinido, vamos ter como resultado a pressuposição contida na resposta. Assim, quando responde (2), a pressuposição de (1) é (4a) com o indefinido *alguma coisa* e quando responde (3) é (4b), com o indefinido *alguém*:

- (4) a. O João comprou alguma coisa.  
b. Alguém comprou o livro.

Zubizarreta (1998) supõe que a interpretação do que é o foco da sentença pode ser representada por duas asserções que se organizam no que ela chama de estrutura de asserção (AS). Esta estrutura se constrói depois da LF e contém duas asserções ordenadas, a primeira contendo o que é a pressuposição da sentença e a segunda o foco. Retomemos (1) como (5a) quando responde a pergunta (2) e como (5b) quando responde a pergunta (3):

- (5) a. O João comprou [<sub>F</sub> o livro].  
b. [<sub>F</sub> O João] comprou o livro.

Em (5) os colchetes destacam o constituinte focalizado F. As duas asserções ordenadas da AS de (5a) seriam como (6a) e as de (5b) como (6b):

- (6) a. A<sub>1</sub>: Existe um x tal que o João comprou x.  
A<sub>2</sub>: O x tal que o João comprou x = o livro.  
  
b. A<sub>1</sub>: Existe um x tal que x comprou o livro.  
A<sub>2</sub>: O x tal que x comprou o livro = o João

Em (6), a asserção  $A_1$  expressa o pressuposto presente em (5a) ou em (5b). A asserção  $A_2$ , chamada de asserção principal, é uma sentença equativa contendo a expressão definida  $o\ x$  e os predicados *o João* em (6b) e *o livro* em (6a), que correspondem ao foco das sentenças. Uma coisa que a AS revela é que o pressuposto é importante para a interpretação da sentença. Procedendo desta maneira, se estabelece com clareza a interpretação de um tipo de foco que ela chama de foco não-contrastivo. O nome provém do fato de este foco se limitar a fornecer a informação solicitada pela pergunta sem estabelecer contraste.

Assim como o foco não-contrastivo, o foco contrastivo também estabelece um valor para uma variável. Porém, esse valor é atribuído de forma diferente: por um lado, nega um valor estabelecido anteriormente para a variável e, por outro, introduz um novo valor alternativo para essa mesma variável. Por negar um valor atribuído à variável, o contexto para o foco contrastivo pode ser uma declaração, pois ela contém a afirmação de um valor atribuído a uma variável. Assim, o contexto para o foco contrastivo em (7b) seria como em (7a):

(7) a. O João comprou a revista.

b. O João comprou O LIVRO (não a revista).<sup>1</sup>

Em (7b), o falante nega o valor estabelecido para a variável (*a revista*) e introduz um novo valor para ela (*O LIVRO*), que é o foco sentencial. Esse tipo de foco apresenta contraste (expressão entre parênteses em (7b)).

A interpretação do foco contrastivo também é representada por uma AS como (8):

(8)  $A_1$ : Existe um  $x$ , tal que o João comprou  $x$

$A_2$ : Não é o caso que o  $x$  (tal que o João comprou  $x$ ) = a revista & o  $x$  (tal que o João comprou  $x$ ) = o livro.

Em (8), tal como em (6) a asserção  $A_1$  é constituída pela pressuposição existencial. E a asserção  $A_2$  é constituída por duas asserções. Na primeira é

---

<sup>1</sup> Serão utilizadas letras maiúsculas para destacar o foco contrastivo, diferenciando-o assim do foco não-contrastivo.

negado um valor atribuído para a variável (*a revista*) e na segunda é introduzido um novo valor para essa variável (*o livro*). Assim, a diferença entre o foco contrastivo e o não-contrastivo é estabelecida pela presença do contraste, representado pela primeira proposição coordenada em  $A_2$ , na AS do foco contrastivo.

## 1.2 Posições e retomadas

Os constituintes focalizados podem aparecer *in situ* ou na periferia esquerda da sentença. Quando *in situ*, o foco pode expressar uma interpretação não-contrastiva, como mostra (9b):

- (9) a. O que o João leu?  
b. O João leu [<sub>F</sub> o livro].

A pergunta em (9a) contém o elemento *Wh o que*, que abre uma variável relativa àquilo que foi lido pelo João. E a resposta (9b) contém o valor *o livro* para a variável aberta. Assim, *o livro* (destacado entre colchetes) é o foco da sentença (9b), pois veicula informação nova.

Aparentemente, o foco *in situ* também pode expressar uma interpretação contrastiva, conforme sugere o exemplo a seguir:

- (10) a. O João leu o artigo.  
b. Não. O João leu [<sub>F</sub> O LIVRO] (não o artigo).

(10b) surge como correção da afirmação feita em (10a). Em (10b), o falante nega um valor atribuído anteriormente para a variável (*o artigo*) e estabelece um novo valor para essa mesma variável (*O LIVRO*), que é o foco da sentença. Diferentemente de (9b), em (10b) o foco veicula uma informação nova contrastiva e é destacado na sentença por um acento especial.

Com base nos exemplos (9b) e (10b), pode-se deduzir que o foco *in situ* pode expressar tanto uma informação não-contrastiva quanto uma informação contrastiva.<sup>2</sup>

Constituintes focalizados também podem assumir posições deslocadas nas sentenças, como mostram os exemplos em (11):

- (11) a. [<sub>F</sub> O LIVRO] o João leu.  
b. [<sub>F</sub> O JOÃO] que leu o livro.

Nas sentenças (11a) e (11b), os focos *o livro* e *o João* não estão nas suas posições canônicas de objeto direto e de sujeito, respectivamente. Eles estão alojados na periferia esquerda da sentença. A presença do complementizador *que* em (11b) é um diagnóstico de que houve de fato movimento do sujeito.

Nota-se que as sentenças (11a) e (11b) não são respostas adequadas às perguntas:

- (12) a. O que o João leu?  
b. Quem leu o livro?

Parece que estas sentenças contêm mais informação do que é solicitada pelas perguntas. Assim, os constituintes *o livro* e *o João* não podem ser interpretados como meros focos de informação (não-contrastivos).

(11a) e (11b) podem ser produzidas para corrigir afirmações como *o João leu o artigo* e *a Joana leu o livro*, respectivamente. Assim, os constituintes focalizados, além de veicularem informação nova, veiculam também informação contrastiva.

---

<sup>2</sup> Isto é questionado por alguns lingüistas, como por Belletti (2001). A autora sugere que o foco com interpretação contrastiva não pode aparecer *in situ*, mas sim em uma posição deslocada na sentença. O constituinte focalizado *O LIVRO* em (10b), por exemplo, apesar de estar aparentemente situado na posição canônica de objeto direto, está situado na periferia esquerda da sentença. Segundo a autora, uma sentença como (10b) seria analisada da seguinte forma: O constituinte *O LIVRO* se desloca da posição de objeto direto para a periferia esquerda da sentença (para Spec de FocP), onde é interpretado como foco contrastivo. Em seguida, ocorre movimento do IP remanescente *o João leu* por cima do foco *O LIVRO* para uma posição ainda mais alta na sentença (para Spec de TopP), onde é interpretado como informação velha. Essa proposta será apresentada mais detalhadamente no Capítulo 2, que trata da análise sintática de sentenças que contêm constituintes focalizados e topicalizados.

O foco deslocado na periferia esquerda da sentença deve ser retomado necessariamente por uma categoria vazia (cv), como ilustrado em (13):

- (13) a. O LIVRO<sub>i</sub> o João leu cv<sub>i</sub>.  
b. O JOÃO<sub>i</sub> que cv<sub>i</sub> leu o livro.

Nestas sentenças, os constituintes focalizados *O LIVRO* e *O JOÃO*, ao se moverem para a periferia esquerda da sentença, deixam nas posições de Caso cv<sub>s</sub>. A cv que retoma o foco apresenta características de uma variável.

O foco deslocado deve ser retomado necessariamente por uma cv do tipo variável, não admitindo como resumptivo elementos pronominais (clíticos ou não clíticos).<sup>3</sup> A razão dessa impossibilidade é que o foco é um constituinte de natureza quantificacional e, como tal, deve vincular uma variável.

## 2. Tópico

### 2.1 Noção de tópico

Determinadas sentenças se articulam em tópico-comentário. O tópico é comumente definido como um constituinte que veicula informação velha, supostamente partilhada pelos interlocutores envolvidos em uma determinada situação discursiva. E o comentário é um tipo de predicação que se aplica ao tópico, veiculando uma informação nova e podendo também veicular em conjunto informações já dadas no discurso.

Definir tópico apenas como informação velha não é suficiente, pois dentro de um mesmo enunciado pode haver outros constituintes que também correspondam à informação antiga. Dessa forma, é necessário identificar outras propriedades do tópico, para distingui-lo de outros tipos de constituintes.

Considere o seguinte contexto:

---

<sup>3</sup> Essa é uma das propriedades que distingue o foco do tópico. Ao contrário do foco, o tópico pode ser retomado por elementos pronominais, como será mostrado na próxima seção.

“... A nossa ilha foi dominada por três famílias de poder aquisitivo grande... Entrava um prefeito de uma família; no outro ano, entrava outro prefeito de outra família. Havia sempre uma rivalidade predominante entre essas duas, três famílias. **Essas três famílias predominantes, elas adquiriam terrenos nessas praias.** A preocupação maior era ganhar dinheiro...”<sup>4</sup>

A construção em negrito segue a estrutura de tópico-comentário, sendo o constituinte *essas três famílias predominantes* o tópico, e a sentença *elas adquiriam terrenos nessas praias* o comentário.

Além de veicular uma informação já dada no discurso, o constituinte *essas três famílias predominantes* é destacado na construção. Na escrita, separa-se do resto da sentença por uma vírgula; isso traduz que na fala existe uma pausa entre o tópico e o comentário. Dessa forma, o destaque na sentença por uma pausa é também uma propriedade do tópico, que o distingue dos demais constituintes.

Para alguns lingüistas, como Reinhart (1982, 1995), a bipartição de uma sentença em tópico-comentário pode ser representada em termos de predicação. O tópico seria o sujeito e o comentário o predicado proposicional na relação de predicação.

A relação estabelecida entre o sujeito e o predicado também é uma relação de predicação, mas é uma relação diferente da estabelecida entre o tópico e o comentário. Para esclarecer a diferença entre esses dois tipos de relações de predicação, considere a construção (14), retirada do contexto anterior:

(14) *Essas três famílias predominantes, elas adquiriam terrenos nessas praias.*

Primeiramente, é expresso o tópico *essas três famílias predominantes* e, em seguida, é feito um comentário sobre esse constituinte: *elas adquiriam terrenos nessas praias*. O comentário é constituído por uma sentença completa, com sujeito e predicado. O sujeito *elas* é parte constitutiva do comentário, não podendo assim ser confundido com o tópico. Tópico e sujeito são dois constituintes distintos, com funções e características particulares.

---

<sup>4</sup> Exemplo retirado de uma das entrevistas do *Corpus* do projeto VARSUL (Variedade Lingüística Urbana da Região Sul)

Em (14), pode-se dizer que há dois tipos distintos de relação de predicação. Uma relação é estabelecida entre o tópico *essas três famílias predominantes* situado na periferia esquerda da sentença e a sentença-comentário *elas adquiriam terrenos nessas praias*. E, a outra relação é estabelecida entre o sujeito *elas* e o predicado *adquiriam terrenos nessas praias*.

Esses dois tipos de relações de predicação ocorrem em domínios diferentes. A relação entre o tópico e o comentário ocorre no domínio do CP, constituindo uma “predicação alta”. E, a relação entre o sujeito e o predicado ocorre no domínio do IP, sendo uma “predicação mais baixa”, interna à sentença, conforme Rizzi (1997).

Reinhart (1982) define tópico como sujeito proposicional a partir da noção discursiva de conjunto contextual desenvolvida por Stalnaker's (1978). O autor define conjunto contextual como o conjunto de proposições que são aceitas como verdadeiras pelos interlocutores envolvidos em uma determinada situação discursiva. Reinhart (1982, 1995) complementa a definição de conjunto contextual com a noção de conjunto de Asserções Pragmaticamente Possíveis (*Possible Pragmatic Assertions-PPA*).

Segundo a autora cada sentença é associada com um conjunto PPA, composta por determinados membros, que variam de acordo com o tipo de sentença. Uma sentença neutra SVO possui três membros em seu conjunto PPA (SVO, S/SVO, O/SVO), mas há outras sentenças que dispõem de apenas alguns desses membros. Por exemplo, uma sentença inacusativa do tipo *there* não pode ter o sujeito indefinido como tópico, não dispendo assim de S/SVO. E, uma sentença de “deslocamento à esquerda” marca explicitamente o tópico, por isso dispõe de apenas um membro em seu PPA.

De acordo com Reinhart (1995), a noção de conjunto PPA é relevante para o julgamento do valor de verdade de sentenças. A avaliação do valor de verdade deve ser feita a partir da predicação: um constituinte deve ser tomado como o argumento (o tópico) e o resto como o predicado (o comentário). Se o conteúdo proposicional de uma determinada sentença é determinado via o PPA S/SVO, por exemplo, então para avaliar o valor de verdade dessa sentença, deve-se verificar se o conjunto definido pelo sujeito proposicional tem as propriedades definidas pelo predicado. E, se o conteúdo proposicional for avaliado via O/SVO, deve-se

verificar se o conjunto definido pelo objeto tem as propriedades definidas pelo predicado. Isso indica que em sentenças contendo tópicos, a avaliação do valor de verdade é centrada nos constituintes topicalizados.

Reinhart lança os exemplos em (15), com o intuito de discutir o julgamento do valor de verdade de sentenças:

(15) a. Two American Kings lived in New York.

Dois reis americanos viveram em Nova Iorque.

b. There were two American kings in New York.

Havia dois reis americanos em Nova Iorque.

Segundo Reinhart, quando um grupo de pessoas foi solicitado a avaliar o valor de verdade da sentença (15a), uma parte julgou-a falsa e a outra indefinida. Já (15b) foi considerada falsa por todas as pessoas do grupo. Para a autora essa intuição dos falantes deve ser capturada via o conjunto PPA dessas sentenças. Dessa forma, as AS das sentenças (15a) e (15b) podem ser associadas com o conjunto PPA em (16) e em (17), respectivamente:

(16) a. Dois reis americanos viveram em Nova Iorque.

b. Dois reis americanos (x) / x viveram em Nova Iorque

c. Nova Iorque (y) / dois reis americanos viveram em y.

(17) a. Havia dois reis americanos em Nova Iorque.

b. Nova Iorque (x) / havia dois reis americanos em x.

Em contextos neutros, como em (15a) e (15b), qualquer membro do PPA pode ser selecionado. As pessoas que selecionaram (16b) julgaram (15a) indefinida, porque, segundo Zubizarreta (1998), *dois reis americanos* é um DP sem referência. Já as pessoas que selecionaram (16c) julgaram (15a) falsa, porque *Nova Iorque* (o tópico) tem referência e o predicado *dois reis americanos* não se aplicava a nenhum morador dessa cidade.

Como dito anteriormente, todas as pessoas do grupo atribuíram o mesmo valor de verdade à sentença (15b): falsa. Uma explicação para a não variação do julgamento do valor de verdade dessa sentença é que um sujeito indefinido não funciona como tópico em uma sentença do tipo *there*. Assim, uma representação comparável a (16b) não está disponível para a sentença (15b). Apenas a representação (17b) com o constituinte *Nova Iorque* topicalizado, comparável a (16c), está disponível para essa sentença.

As pessoas que julgaram as sentenças (15a) e (15b) falsas, associaram-nas com o conjunto PPA em (16c) e (17b), respectivamente. A avaliação do valor de verdade das sentenças foi centrada no constituinte topicalizado *Nova Iorque*. Assim, o grupo avaliou que *Nova Iorque* (o tópico) tem referência e o predicado *dois reis americanos* não se aplicava a ele.

Estes exemplos mostram que o tópico, além de ser uma estratégia discursiva, desempenha uma função relevante na avaliação do valor de verdade da proposição a que pertence.

Zubizarreta (1998), assim como Reinhart (1995), assume que a estrutura de tópico-comentário é representada em termos de predicação. E acrescenta que, assim como a articulação de foco-suposição, a de tópico-comentário também pode ser interpretada na AS. A representação de uma sentença contendo tópico na AS mostra que o tópico não deve ser identificado com o foco. O tópico é o sujeito de um predicado proposicional e o foco é parte constitutiva desse predicado.

Como ilustração dessa proposta, Zubizarreta (1998) apresenta o exemplo (18b) em que *Fred* é o foco (F) e *os feijões* é o tópico (T) da sentença, como indicado pela pergunta-contexto (18a):

(18) a. O que houve com os feijões? Quem comeu eles?

b. [<sub>F</sub> Fred] comeu [<sub>T</sub> os feijões].

A AS de (18b) pode ser representada em (19):

(19)  $A_1$ : os feijões<sub>y</sub> / existe um x, tal que x comeu y.

$A_2$ : os feijões<sub>y</sub> / o x (tal que x comeu y) = Fred.

A AS da sentença (18b) é composta por duas asserções ordenadas ( $A_1$ ) e ( $A_2$ ). Na  $A_1$  tem-se o tópico *os feijões* e a pressuposição de uma estrutura de foco (existe um x tal que x comeu y). E, na  $A_2$ , tem-se novamente o tópico e a asserção principal de uma estrutura de foco (o x (tal que x comeu y) = Fred). Nota-se que em  $A_2$  é estabelecido um valor para a variável x: *Fred* (o foco).

A mesma representação pode ser estendida a construções em que o constituinte topicalizado aparece deslocado na periferia esquerda da sentença, como em:

(20) a. Quem comeu os feijões?

b. [<sub>T</sub>Os feijões], [<sub>F</sub>Fred] comeu (eles).

(21)  $A_1$ : Os feijões<sub>y</sub> / existe um x, tal que x comeu y.

$A_2$ : Os feijões<sub>y</sub> / o x (tal que x comeu y) = Fred.

Através da representação da sentença com tópico (20b) na AS (em (21)), verifica-se que o tópico *os feijões* é o sujeito de um predicado proposicional, que contém a pressuposição (em  $A_1$ ) e o foco (em  $A_2$ ). Isso evidencia que tópico e foco são constituintes distintos.

## 2.2 Posições e retomadas

Constituintes topicalizados situados em posições periféricas nas sentenças aparecem geralmente co-indexados com elementos em posições-A, situados internamente à sentença-comentário.<sup>5</sup> De acordo com Kato (1998), os elementos que retomam o tópico no português brasileiro podem ser um pronome, uma cv, um clítico ou um epíteto, conforme ilustram os seguintes exemplos:

(22) A minha irmã, ela não gostava de comer arroz. (FLP01L466).<sup>6</sup>

(23) A capacidade, eu tenho cv, agora falta estudo. (FLP02L39).

(24) O João, a Maria não quer vê-lo no cinema.<sup>7</sup>

(25) A Maria, eu vi a cretina no cinema ontem.

Nestas construções, os constituintes topicalizados se posicionam na periferia esquerda da sentença e são retomados por diferentes expressões na sentença-comentário. Em (22) o tópico *a minha irmã* é retomado pelo pronome *ela*, em (23) o tópico *a capacidade* é retomado por uma cv, em (24) o *João* é retomado pelo clítico *lo* e em (25) *a Maria* é retomada pelo epíteto *a cretina*.

Em (22), o pronome *ela* assume posição de sujeito sentencial e em (23), (24) e (25) a cv, o clítico *lo* e o epíteto *a cretina* assumem posição de objeto. Isso mostra que os constituintes topicalizados, situados em posições-A', podem corresponder a diferentes posições-A (de sujeito e de objeto) situadas no comentário.

---

<sup>5</sup> Não se pode afirmar que em sentenças com tópico a co-indexação entre o tópico e um elemento presente no comentário seja obrigatória. Ilari (1986) mostra que o português brasileiro apresenta construções em que não há nenhuma expressão no comentário que retome o constituinte topicalizado, conforme ilustra o seguinte exemplo:

(i) A droga, ontem um rapaz de 16 anos matou um homem por 200 cruzeiros. (Ilari, 1986:81)

O constituinte *a droga* apresenta propriedades de tópico: destaca-se na sentença por uma pausa (representada na escrita pela vírgula) e veicula informação velha, uma informação conhecida pelos interlocutores. Não há no comentário nenhum elemento que retome o tópico, porém, essa sentença segue a estrutura de tópico-comentário. Este tipo de construção não será analisado no presente trabalho. A análise será centrada em sentenças com tópico que apresentam elementos resumptivos no comentário.

<sup>6</sup> As construções extraídas do *Corpus* do VARSUL citadas como exemplos são acompanhadas de FLP (indicando que o informante é da cidade de Florianópolis), do número da entrevista e do número da linha (L).

<sup>7</sup> (24) é uma construção típica do português europeu. No português brasileiro ainda há ocorrência desse tipo de construção, embora seja bastante reduzida.

Nos exemplos mostrados anteriormente, os constituintes topicalizados se posicionam na periferia esquerda da sentença. Mas eles também podem assumir outras posições nas sentenças. No português brasileiro (e também em outras línguas), além da periferia esquerda, o tópico pode aparecer deslocado à direita ou intercalado na sentença.

Considere um exemplo de tópico deslocado à direita da sentença-comentário:

(26) Ele é cancerologista, o Augusto. (FLP23L533)

Neste tipo de construção, primeiramente o falante profere o comentário (*ele é cancerologista*) e, em seguida, o tópico (*o Augusto*), ao contrário do que acontece em construções com tópico da periferia esquerda, onde primeiro o tópico é pronunciado e em seguida o comentário. Alguns autores, como Ilari (1986) e Tarallo & Kato (1989), denominam esse tipo de tópico de *antitópico*.

Apesar de assumir uma posição linear à direita da sentença-comentário, esse tipo de tópico é, aparentemente, simétrico a um tipo de tópico da periferia esquerda (*o Hanging Topic*). O tópico *o Augusto* veicula informação velha e é destacado na construção, sendo separado da sentença por uma pausa de vírgula. E está co-indexado a um pronome tônico (*ele*).

No português brasileiro há também ocorrência de construções como (27):

(27) Estava super caprichada, a festa. (FLP20L415)

Esta construção é aparentemente semelhante a (26). O constituinte topicalizado *a festa* encontra-se em uma posição periférica, no lado direito da sentença-comentário. Mas não há um pronome no comentário para que o tópico possa ser co-indexado, como em (26). Neste caso, uma *cv* preenche a posição de sujeito e está co-indexada com o tópico *a festa*.

Supõe-se que as construções (26) e (27) apresentam diferenças, não só pelo fato de (26) expressar um pronome tônico resumptivo e (27) não. As diferenças vão além da ausência do pronome lexicalizado em (27).<sup>8</sup>

O tópico deslocado à direita também pode ser retomado por um epíteto, como ilustra a seguinte sentença:

(28) O safado<sub>i</sub> estava na festa, o João<sub>i</sub>.

Nesta sentença, o constituinte topicalizado o *João* está co-indexado com o epíteto o *safado*, situado no comentário. Esse tipo de construção não é produzido com tanta frequência quanto as construções (26) e (27), mas há ocorrência desse tipo de tópico em nossa língua.

No português brasileiro há também ocorrência do seguinte tipo de construção:

(29) Ela<sub>i</sub> compra, a Maria<sub>i</sub>, nesse supermercado.

Esta construção se diferencia das apresentadas anteriormente, pois não há na periferia esquerda e nem à direita da sentença-comentário nenhum constituinte com interpretação de tópico. Mas nota-se que existe um constituinte interno à sentença que se destaca dos demais, sendo separado da sentença por pausa. Este constituinte é *a Maria*.

Além do destaque na sentença, *a Maria* está co-indexada a um pronome tônico (*ela*). Essas propriedades conduzem à classificação desse constituinte como tópico sentencial. E, neste caso, o comentário a respeito do tópico *a Maria* é toda a sentença: *ela compra nesse supermercado*. Esse tópico será denominado de tópico intercalado.

Considere as sentenças em (30) onde o tópico *a Maria* é retomado por uma cv (30a) e por epítetos (30b) e (30c):

---

<sup>8</sup> Construções como (26) e (27) serão analisadas minuciosamente no Capítulo 3, que trata da descrição e análise dos vários tipos de tópicos presentes no português brasileiro.

- (30) a. \* $cv_i$  compra, a  $Maria_i$ , nesse supermercado.  
b. \* A  $cretina_i$  compra, a  $Maria_i$ , nesse supermercado.  
c. ? O João viu a  $cretina_i$ , a  $Maria_i$ , nesse supermercado.

Em (30a) e (30b), nota-se que não há possibilidade de o constituinte topicalizado *a Maria* ser co-indexado com a *cv* e com o epíteto *a cretina*, ambas em posição de sujeito. Parece que neste tipo de construção quando o tópico corresponde ao sujeito sentencial ele deve ser retomado por um pronome tônico e não por uma *cv* ou por um epíteto. Quando o tópico corresponde ao epíteto em posição de objeto, a sentença é melhorada, como mostra (30c).

### 3. Resumo do capítulo

Uma sentença que segue a estrutura de foco-pressuposição pode ser representada pela Estrutura de Asserção (AS), conforme Zubizarreta (1998). Essa estrutura é constituída por duas asserções ordenadas ( $A_1$  e  $A_2$ ), sendo que a primeira asserção ( $A_1$ ) contém a pressuposição e a segunda ( $A_2$ ) o foco. Assim como a estrutura de foco-pressuposição, a de tópico-comentário também pode ser representada na AS. A representação de uma sentença de tópico na AS mostra que tópico e foco não podem ser confundidos, pois o tópico é o sujeito do predicado proposicional, que contém a informação pressuposta e a informação nova (o foco).

Há pelo menos dois tipos de foco: o contrastivo e o não-contrastivo. Esses dois focos expressam diferenças interpretativas e fonológicas. O primeiro expressa uma interpretação contrastiva e um pico acentual e o segundo não expressa contraste e não é marcado por nenhuma entonação especial.

O foco pode aparecer *in situ* ou deslocado na periferia esquerda da sentença. Quando deslocado, o foco deve ser retomado necessariamente por uma *cv* do tipo variável. A razão dessa restrição é que o foco, sendo um constituinte de natureza quantificacional, deve vincular uma variável. Isso conduz à análise de que a relação entre o foco e a *cv* em posição-A é do tipo operador-variável.

O tópico também assume diferentes posições na sentença. Ele pode aparecer deslocado à esquerda da sentença-comentário, deslocado à direita ou intercalado. Diferentemente do foco, o tópico não pode ser retomado por uma cv variável, mas sim por elementos pronominais (clíticos ou não-clíticos).

No próximo capítulo, será mostrado como alguns autores, como Rizzi (1997) e Belletti (2001), analisam sintaticamente sentenças contendo tópico e foco.

# Capítulo 2

## Análises

### 0. Introdução

Neste capítulo serão apresentadas as análises desenvolvidas por Rizzi (1997) e por Belletti (2001) sobre a periferia esquerda da sentença e a periferia do VP (área interna ao IP). O objetivo é verificar como esses autores analisam construções com tópico e com foco que envolvem essas áreas da sentença. Essas análises servirão como base para a discussão que será desenvolvida no capítulo subsequente.

Rizzi (1997) postula que o sistema CP é formado por várias categorias funcionais (ForceP, TopP, FocP e FinP), estruturadas de maneira ordenada na periferia esquerda da sentença. As categorias TopP e FocP codificam informações do tipo tópico-comentário e foco-pressuposição. O tópico e o foco preenchem as posições de especificador de TopP e FocP, respectivamente.

Apesar de se estruturarem de maneira semelhante na periferia esquerda, o tópico e o foco manifestam diferenças. Com base em Cinque (1990), Rizzi discute propriedades sintáticas que diferenciam tópico de foco, propondo que apenas o foco é de natureza quantificacional.

Belletti (2001) propõe para área interna do IP (acima de VP) uma estrutura semelhante a que Rizzi (1997) postula para o CP. Sugere que diferentes posições estão associadas a essa área, como de tópico e de foco.

A análise centra-se em sentenças VS do italiano. A autora propõe que o sujeito pós-verbal pode ser interpretado como foco ou como tópico. Ela analisa também sentenças VSO, com pausa entre o sujeito e o objeto, sugerindo que o objeto deve ser interpretado como tópico. Discute dois tipos de construções VSO: uma com clítico resumptivo e a outra com vazio. Propõe que embora essas construções sejam aparentemente semelhantes pelo fato de alojar um tópico

deslocado à direita, elas manifestam diferenças. Trata-se de uma construção *clitic right dislocation* (deslocamento à direita com clítico) e de *emarginazione* (marginalização), conforme Antinucci & Cinque (1977) e Cardinaletti (2001).

## **1. A periferia esquerda da sentença**

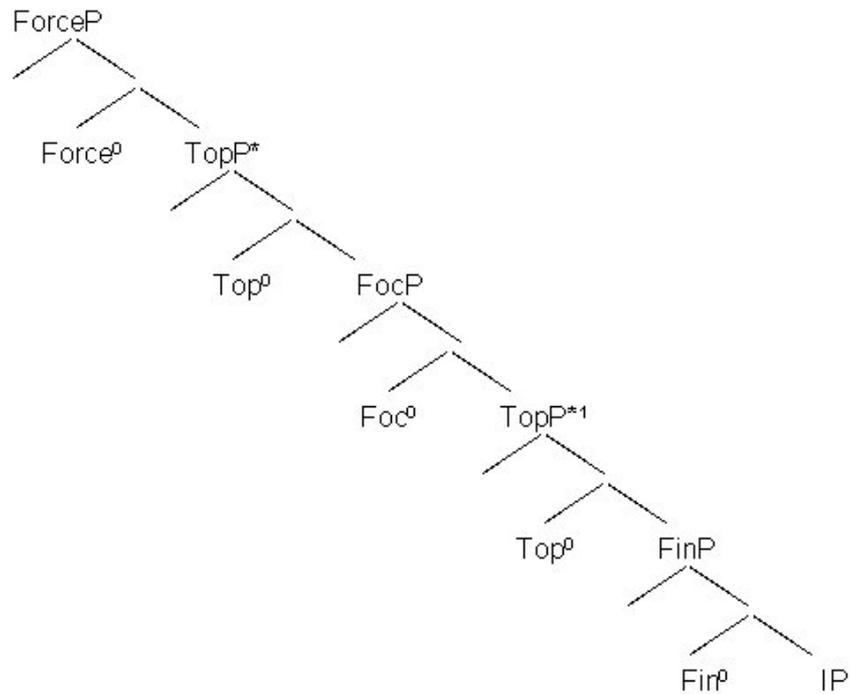
O sistema CP é concebido como a área que faz a interface entre um conteúdo proposicional expresso pelo IP e uma estrutura superior (sentença matriz ou a articulação com o discurso). Para Rizzi (1997), esse sistema é constituído por uma estrutura complexa, contendo várias categorias.

Uma das categorias é ForceP, que conecta o CP com uma estrutura superior. Essa categoria tem a função de caracterizar o tipo de sentença (se é declarativa ou interrogativa, por exemplo). Outra categoria é FinP, que liga o sistema CP ao IP e desempenha o papel de codificar informações que determinam a finitude da sentença.

Além de ForceP e FinP, o sistema CP contém outras duas categorias: TopP e FocP. Essas categorias alojam constituintes como tópico e foco, situados na periferia esquerda da sentença. Pelo fato de esses constituintes não ocorrerem na sentença por necessidades seletivas, eles eram tratados muitas vezes como adjuntos a IP ou a CP. Mas, com a expansão do CP em várias categorias, Rizzi (1997) propõe posições de especificadores para alojar tais constituintes, divergindo da proposta de adjunção à esquerda.

O sistema CP passa então a conter quatro categorias funcionais, constituindo dois subsistemas: ForceP-FinP e TopP-FocP. Cada uma dessas categorias é estruturada de acordo com o esquema X-barra, projetando seu próprio especificador e complemento. Tais categorias seguem uma determinada ordem na periferia esquerda da sentença, conforme mostra a seguinte representação:

(1)<sup>9</sup>



As categorias TopP e FocP devem estar disponíveis em uma estrutura somente se forem necessárias, ou seja, somente se existirem constituintes contendo traços de tópico e de foco, que precisam ser sancionados na relação Spec-núcleo. Se as áreas de TopP e FocP forem ativadas, elas devem ser encaixadas entre ForceP e FinP, como mostra a representação em (1).

TopP e FocP capturam articulações que envolvem a periferia esquerda da sentença como as articulações de tópico-comentário e de foco-presuposição. Essas duas articulações se manifestam nas línguas naturais de maneira diferenciada. Em inglês, por exemplo, a articulação de tópico-comentário pode ser exemplificada pela seguinte construção:

(2) Your book, you should give *t* to Paul (not to Bill).

Seu livro, você deveria dar *t* para Paul (não para Bill).

---

<sup>9</sup> O asterisco em TopP significa que o tópico pode ser recursivo, diferentemente do foco, que deve ser único na estrutura.

O tópico (*your book*) destaca-se na sentença por uma “pausa de vírgula” e veicula informação velha, informação dada previamente no discurso. E o comentário (*you should give to Paul*) é um tipo de predicado complexo, que introduz pelo menos alguma informação nova.

A articulação de foco-pressuposição é formalmente similar a de tópico-comentário, mas é interpretativamente diferente:

(3) YOUR BOOK you should give *t* to Paul (not mine).

SEU LIVRO você deveria dar *t* para Paul (não o meu).

O constituinte na periferia esquerda é destacado por um acento proeminente e introduz informação nova; a sentença que o segue expressa uma informação pressuposta pelos interlocutores. Em (3), o contraste *not mine* (não o meu) (expressão entre parênteses) assegura que o constituinte *YOUR BOOK* veicula informação nova, sendo o foco da sentença.

Já em (2), o contraste *not to Bill* (não para Bill) garante que a informação nova seja expressa por *to Paul* no comentário e não por *your book*. Dessa forma, descarta-se a possibilidade de o elemento da periferia esquerda ser foco.

Assim como o inglês, outras línguas também distinguem a forma das duas articulações. Em italiano, por exemplo, a articulação de tópico-comentário pode ser expressa pela construção *Clitic Left Dislocation (CLLD)*, conforme Cinque (1990). Esse tipo de construção envolve um resumptivo clítico co-indexado ao tópico, como mostra o seguinte exemplo:

(4) Il tuo libro<sub>i</sub>, lo<sub>i</sub> ho letto.

O seu livro<sub>i</sub>, o<sub>i</sub> li.

Em (4), o tópico *il tuo libro* destaca-se na sentença por uma pausa e é retomado no comentário pelo clítico *lo*, diferentemente da construção (2) do inglês em que o tópico é retomado por uma *cv*.

Assim como no inglês, no italiano o foco da periferia esquerda da sentença deve conter um pico acentual, como o exemplo em (5):

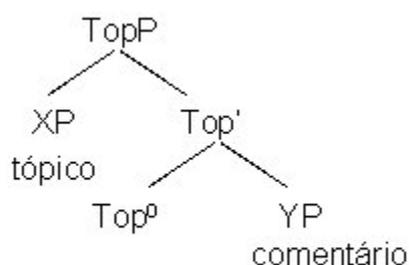
(5) IL TUO LIBRO ho letto (non il suo).

O SEU LIVRO eu li (não o dele).

Segundo o autor, a construção (5) não pode ser resposta a uma pergunta de informação como *What did you read?*. Ela deve ser interpretada como correção a uma afirmação mencionada anteriormente. Assim, o foco *IL TUO LIBRO* veicula informação nova contrastiva.

De acordo com Rizzi (1997), as articulações tópico-comentário e foco pressuposição podem ser representadas de acordo com o esquema X-barra. Dessa forma, tópico-comentário segue a seguinte estrutura:

(6)



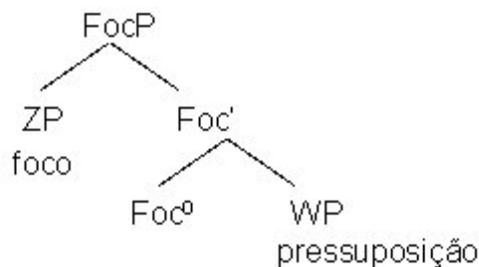
O núcleo Top<sup>0</sup> é um núcleo funcional do sistema CP, que projeta seu próprio especificador e seu complemento. Seu especificador (Spec) é o tópico e seu complemento é o comentário. Top<sup>0</sup> define um tipo de *predicação alta*, uma predicação que se situa dentro do sistema CP. Sua função é análoga à função de AgrS que se situa dentro do sistema IP, a qual conecta um sujeito e um predicado.<sup>10</sup>

Foc<sup>0</sup> também projeta seu próprio esquema X-barra, tendo o foco como seu especificador e a pressuposição como seu complemento:

---

<sup>10</sup> A diferença entre *predicação alta* (Top<sup>0</sup>) e *predicação baixa* (Agr<sup>0</sup>) é que a primeira envolve um especificador em posição-A'.

(7)



Além da focalização alta, o italiano parece que manifesta um tipo de focalização baixa, com um acento proeminente sobre um constituinte *in situ*, como sugerem Antinucci & Cinque (1977) e Cinque (1993).

(8) Ho letto IL TUO LIBRO (non il suo).

Tenho lido O TEU LIVRO (não o dele).

Entretanto, Rizzi (1997) sugere que há possibilidade de a sentença (8) assumir em LF uma representação como em (7). Assim, o foco *IL TUO LIBRO* é movido para a periferia esquerda e, em seguida, é movido o restante do IP para uma posição ainda mais alta na estrutura.

O autor afirma que são os núcleos de FocP e TopP que determinam as diferentes articulações (de tópico-comentário e de foco-pressuposição). Se o núcleo for Foc<sup>0</sup>, a informação nova (o foco) preencherá o Spec de FocP e, se for Top<sup>0</sup>, a informação velha (o tópico) preencherá Spec de TopP. Esses núcleos podem ser nulos ou pronunciados, dependendo das especificidades de cada língua. Em italiano, por exemplo, esses núcleos são nulos.

Rizzi (1997) postula que os movimentos sintáticos de constituintes topicalizados e focalizados para as projeções de TopP e FocP se dão como “último recurso” (“*last resort*”), para satisfazer determinados requerimentos dos núcleos. Esses requerimentos são tratados como critérios de tópico e de foco: os núcleos Top<sup>0</sup> e Foc<sup>0</sup> marcados pelos traços [+top/+foc] devem estar em configuração Spec-núcleo com tópico e com foco.

## 1.1. Tópico versus Foco

Apesar de se estruturarem de maneira semelhante na periferia esquerda da sentença, o tópico e o foco são interpretativamente diferentes. Rizzi ressalta cinco diferenças sintáticas entre esses dois constituintes, seguindo a análise de Cinque (1990).

A primeira diferença está relacionada com o elemento que pode retomar o constituinte da periferia esquerda da sentença. Em italiano, por exemplo, o tópico pode ser retomado por um clítico (9a), mas não o foco (10a). Se o tópico corresponder ao objeto direto o clítico resumptivo é obrigatório, como ilustra o contraste entre (9a) e (9b).

(9) a. Il tuo libro<sub>i</sub>, lo<sub>i</sub> ho comprato t<sub>i</sub>.<sup>11</sup>

O teu livro<sub>i</sub>, o<sub>i</sub> tenho comprado t<sub>i</sub>.

b. \*Il tuo libro<sub>i</sub>, ho comprato t<sub>i</sub>

O teu livro<sub>i</sub>, tenho comprado t<sub>i</sub>.

(10) a. \*IL TUO LIBRO<sub>i</sub> lo<sub>i</sub> ho comprato t<sub>i</sub> (non il suo).

O TEU LIVRO<sub>i</sub> o<sub>i</sub> tenho comprado t<sub>i</sub> (não o dele).

b. IL TUO LIBRO<sub>i</sub> ho comprato t<sub>i</sub> (non il suo).

O TEU LIVRO<sub>i</sub> tenho comprado t<sub>i</sub> (não o dele).

Em (9a), o tópico *il tuo libro* está sendo retomado no comentário por um clítico (*lo*). Já em (10a), nota-se a impossibilidade de o constituinte focalizado *IL TUO LIBRO* ser retomado pelo clítico. O foco deve ser retomado por uma cv (t) como mostra (10b). Segundo Rizzi, essa cv é uma variável sintática ligada diretamente pelo foco na periferia esquerda da sentença.

---

<sup>11</sup> (9a) é um exemplo de *Clitic Left Dislocation (CLLD)*.

A impossibilidade de co-indexação entre o foco e o clítico em (10a) reside no fato de o foco ser um elemento quantificacional, admitindo como elemento resumptivo apenas uma variável, e não elementos pronominais.<sup>12</sup>

Outra propriedade que distingue tópico de foco é o efeito de *Weak Crossover–WCO* (*Cruzamento Fraco*), como mostram as sentenças:

(11) Gianni<sub>i</sub>, sua<sub>i</sub> madre lo<sub>i</sub> ha sempre apprezzato.

Gianni, a mãe dele o tem sempre adorado.

(12) \*GIANNI<sub>i</sub> sua<sub>i</sub> madre ha sempre apprezzato t<sub>i</sub> (non Piero).

GIANNI a mãe dele tem sempre adorado (não Pedro).

Em (12), os efeitos de WCO se manifestam na medida em que o foco vincula uma cv por cima do pronome *sua* (dele), pronome que não c-comanda a variável. A variável (*t<sub>i</sub>*) deve estar vinculada diretamente ao foco *GIANNI*. Já em (11), nota-se que o tópico não sofre os efeitos de WCO. A co-indexação entre o tópico e o clítico é possível mesmo existindo o pronome *sua* entre eles.

Outra diferença, ressaltada por Rizzi (1997), entre os dois constituintes é que apenas o foco é compatível com elementos quantificacionais nus (*bare quantificational elements*), como ilustram os exemplos em (13):

(13) a. \*Nessuno<sub>i</sub>, lo<sub>i</sub> ho visto t<sub>i</sub>.

Ninguém<sub>i</sub>, o<sub>i</sub> tenho visto t<sub>i</sub>.

b. NESSUNO<sub>i</sub> ho visto t<sub>i</sub>.

NINGUÉM<sub>i</sub> tenho visto t<sub>i</sub>.

---

<sup>12</sup> No português brasileiro, nota-se a impossibilidade do foco ser retomado por um pronome tônico, ao contrário do tópico, como mostram os seguintes exemplos:

(i) a. O livro<sub>i</sub>, a Maria comprou ele<sub>i</sub> naquela livraria.

b. \*O LIVRO<sub>i</sub> a Maria comprou ele<sub>i</sub> naquela livraria (não a revista).

O tópico *o livro* pode ser retomado pelo pronome *ele* (ia), ao contrário do foco (ib). A sentença (ib) não é bem-formada porque o foco, sendo uma expressão quantificacional, precisa vincular necessariamente uma cv variável. Mas essa categoria não está presente na sentença. O que existe é um pronome tônico que não tem as propriedades de uma cv variável (resultante de movimento e vinculada a um operador em posição-A').

Uma expressão quantificacional como *nessuno* não pode estar em posição de tópico (13a), mas pode estar em posição de foco (13b). Em (13b), há uma variável que está diretamente vinculada ao quantificador *NESSUNO* em posição de foco. Já em (13a) não existe uma variável para ser co-indexada ao quantificador. A cv, neste caso, é o vestígio do clítico, e não uma variável. A má-formação de (13a) se atribui ao fato de haver uma expressão quantificacional na sentença e não haver uma variável que ela possa vincular.<sup>13</sup>

Segundo Rizzi (1997), um operador Wh é compatível com um tópico em uma ordem fixa (Top Wh), mas é incompatível com um foco, independentemente da ordem em que ocorrem:

(14) a. A Gianni, che cosa gli hai detto?

Para Gianni, o que lhe tem dito?

b. \*Che cosa, a Gianni, gli hai detto?

O que, para Gianni, lhe tem dito?

(15) a. \*A GIANNI che cosa hai detto (non a Piero)?

PARA GIANNI o que tem dito (não para Piero)?

b. \*Che cosa A GIANNI hai detto (non a Piero)?

O que PARA GIANNI tem dito (não para Piero)?

Em (14a), há possibilidade de o tópico *a Gianni* e de a expressão Wh *che cosa* ocorrerem na mesma sentença. O tópico assume uma posição mais alta do que a do elemento Wh, não causando assim nenhuma interferência entre este e o verbo finito *hai*. Já em (14b) o tópico está em uma posição mais baixa do que o elemento Wh, causando interferência. Por esse motivo, (14b) não é bem-formada.

---

<sup>13</sup> Essa diferença entre tópico e foco é também detectada no português brasileiro. Expressões quantificacionais nuas como *tudo*, *nada*, *ninguém*, por exemplo, podem estar em posição de foco, mas não em posição de tópico, conforme mostram as sentenças abaixo:

- (i) a. NINGUÉM<sub>i</sub> a Maria viu cv<sub>i</sub>.  
b. \*Ninguém<sub>i</sub> a Maria viu (ele<sub>i</sub>)

Nas sentenças em (15), nota-se a impossibilidade de uma sentença com foco conter uma expressão Wh. A impossibilidade deriva do fato de o foco *A GIANNI* e a expressão Wh *che cosa* competirem pela mesma posição na sentença matriz: a posição de Spec de FocP.

Uma outra questão constatada por Cinque (1990) e também por Rizzi (1997) é que uma mesma sentença pode conter mais de um tópico, mas apenas um foco.

(16) a. Il libro, a Gianni, domani, glielo darò senz'altro.

O livro, para Gianni, amanhã, lhe o darei sem falta.

b.\* A GIANNI IL LIBRO darò (non a Piero, l'articolo).

PARA GIANNI O LIVRO darei (não para Piero, o artigo).

Em (16a), nota-se que há possibilidade de os tópicos *il libro*, *a Gianni* e *domani* ocorrem na mesma sentença. Já em (16b), não há possibilidade de os focos *A GIANNI* e *IL LIBRO* estarem na mesma sentença.

A restrição de apenas um foco por sentença pode ser explicada através da maneira como o núcleo da categoria FocP (Foc<sup>0</sup>) articula o foco e a pressuposição. Como as categorias possuem apenas uma posição de especificador, a posição de Spec de FocP é a posição que aloja o constituinte focalizado. Caso uma mesma sentença apresente mais de um foco, como em (16b), seria necessário acrescentar na estrutura arbórea outra categoria FocP. Então, uma categoria FocP seria o complemento ou parte do complemento de outra categoria FocP. Mas isso não é possível, pois o complemento de FocP conteria informação nova, o que é incompatível com a noção de pressuposição.

A possibilidade de mais de um tópico por sentença, como em (16a), pode ser explicada da seguinte forma: o comentário, ao contrário da pressuposição, pode conter informação nova e também informação velha. Dessa forma, há possibilidade de a categoria TopP ter disponível outras posições de especificadores.

As três primeiras distinções entre tópico e foco, que são a retomada por um clítico, efeitos de *WCO* e compatibilidade com quantificadores nus, estão

relacionadas ao fato de apenas o foco ser um constituinte de natureza quantificacional.

## 1.2. Tópico como constituinte não-quantificacional

Rizzi (1997) assume que WCO é uma característica distintiva de relações-A' que envolvem e que não envolvem quantificação genuína. Relações-A' podem ser de dois tipos: aquelas que envolvem quantificação com a ligação de uma cv variável por um quantificador e as que envolvem a ligação de um constituinte não-quantificacional por uma cv que não é uma variável: esta cv é denominada constante nula. Tais relações podem ser ilustradas pela sentença interrogativa em (17a) e pela relativa apositiva em (17b):

(17) a. ?\*Who does his mother really like t?

De quem a mãe dele realmente gosta t?

b. John, who his mother really like t.

O João, (de) quem a mãe dele realmente gosta t.

Em (17a) a cv é uma variável sintática que deve ser vinculada ao operador *Who* em posição-A'. Mas há um elemento intermediário (*his*) impedindo a vinculação. Já em (17b) não há interferência da expressão *his* na relação de vinculação entre o constituinte *John* em posição-A' e a cv. A cv neste caso é uma constante nula e não uma variável. A constante nula é licenciada pelo operador *Who* que tem sua referência determinada pelo antecedente *John* e que, portanto, é um operador anafórico sem propriedades quantificacionais, diferentemente do operador em (17a). Segundo Rizzi (1997), apenas a sentença interrogativa (17a) é sensível aos efeitos de WCO.

Segundo o autor, o contraste entre as sentenças (18a) e (18b) (exemplos (11) e (12) acima) mostra que apenas a sentença com foco (18b) é sensível aos efeitos de WCO, indicando que esta envolve uma relação quantificacional-A', diferentemente da sentença com tópico (18a):

(18) a. Gianni<sub>i</sub>, sua<sub>i</sub> madre lo<sub>i</sub> ha sempre apprezzato.

b. \*GIANNI<sub>i</sub> sua<sub>i</sub> madre ha sempre apprezzato t<sub>i</sub> (non Piero).

Se foco é um constituinte quantificacional, ele deve vincular necessariamente uma cv variável em posição-A. Esse constituinte não pode ser retomado por elementos pronominais (clíticos ou não-clítico), conforme ilustra a sentença (10a) (repetida em (19)):

(19) \*IL TUO LIBRO<sub>i</sub> lo<sub>i</sub> ho comprato t<sub>i</sub> (non il suo).

Em (19), há um constituinte quantificacional (o foco) e não há uma variável para que possa ocorrer a vinculação. Dessa forma, essa sentença viola o princípio de Interpretação Plena (*Full Interpretation – FI*), que diz que quantificadores devem ligar variáveis (conforme Cinque 1990).

Rizzi procura explicar por que uma sentença como (20a) (exemplo (9b) acima) não é bem-formada em italiano:

(20) a. \*Il tuo libro<sub>i</sub>, ho comprato t<sub>i</sub>

b. Il tuo libro<sub>i</sub>, lo<sub>i</sub> ho comprato t<sub>i</sub>.

Em (20a), o tópico *il tuo libro* não é um constituinte de natureza quantificacional, conseqüentemente a cv em posição de objeto direto não pode ser uma variável. Segundo Rizzi (1997), essa cv também não apresenta propriedades de outros tipos de cv<sub>s</sub> (de *PRO*, de *pro* ou de vestígio).

Segundo Rizzi (1997), a sentença (20a) não poderia também ser salva postulando uma constante nula em posição de objeto vinculada pelo constituinte em posição de tópico. Ele afirma que o licenciamento da constante nula não ocorre livremente na estrutura, mas é restrito a um tipo de operador-A': o operador anafórico. Como a sentença (20a) não dispõe de um operador anafórico, conseqüentemente não licencia constante nula.

Uma sentença como (20a) para ser bem-formada deveria conter um clítico resumptivo, como em (20b), pois o tópico se refere ao objeto direto e, nesse caso, a retomada por um clítico é obrigatória no italiano.

Uma questão que surge é por que uma sentença como (20a) é bem-formada em inglês. Rizzi postula que em inglês esse tipo de sentença envolve um operador nulo identificado pelo tópico em posição-A', como em (21):

(21) Your book, [Op [I bought t]]

Esse operador (um anafórico sem propriedades quantificacionais) licencia a constante nula (t) em posição de objeto direto. Segundo o autor, estruturas de tópico do inglês, diferentemente das do italiano, dispõem de um operador nulo anafórico. O operador nulo (do inglês) e o clítico (do italiano) são funcionalmente equivalentes, na medida em que estabelecem ligação entre o tópico e a cv no comentário.

Outra particularidade do tópico é a incompatibilidade com expressões quantificacionais nuas. O quantificador *nessuno*, por exemplo, é incompatível com a posição de tópico sentencial, mas é compatível com a posição de foco, como mostram as sentenças em (13), repetidas em (22):

- (22) a. \*Nessuno<sub>i</sub>, lo<sub>i</sub> ho visto t<sub>i</sub>  
b. NESSUNO<sub>i</sub> ho visto t<sub>i</sub>.

A explicação dada pelo autor é que quantificadores nus são operadores inerentes, devendo ser necessariamente ligados a cv<sub>s</sub> variáveis. Como a sentença (22a) não envolve uma relação quantificacional, não há no comentário uma cv variável que o operador *nessuno* possa vincular. A cv, neste caso, é o vestígio do clítico. Já em (22b), nota-se que a cv é uma variável sintática, sendo vinculada pelo operador *NESSUNO* em posição de foco.

Rizzi (1997) chama a atenção para os casos de *CLLD* que envolvem expressões quantificacionais com restrição lexical em posição de tópico, como nos exemplos a seguir:

(23) a. Tutti i tuoi libri, li ho rimessi a posto.

Todos os teus livros, eu os recoloquei no lugar.

b. Molti libri, li ho buttati via.

Muitos livros, eu os tenho jogado fora.

Por que essas sentenças são plenamente aceitáveis em italiano e (22a) não é? O autor sugere que em (22a) o que está em posição de tópico é apenas um quantificador nu e em (23) são quantificadores com restrições lexicais.

Segundo Rizzi (1997), uma sentença como (23b), por exemplo, segue a seguinte estrutura:

(24) [Molti [t libri]] Top<sup>0</sup>, [li ho buttati via]

Em (24), é possível topicalizar o constituinte *molti libri* porque existe uma maneira de criar uma variável (t) para o quantificador *molti*. A motivação para tal análise é que o quantificador é movido para fora do DP, deixando uma cv variável em seu lugar. Dessa maneira, a relação entre o tópico e o clítico (*li*) continuaria sendo uma relação de natureza não-quantificacional.

### 1.3 Resumo da seção

O sistema CP é constituído pelas categorias ForceP, TopP, FocoP e FinP. ForceP conecta o CP com uma estrutura mais alta, determinando o tipo de sentença, e FinP conecta o CP com o IP e codifica informações que determinam a finitude da sentença. Essas duas categorias fecham o sistema CP em cima e embaixo, determinando o tipo e a forma da sentença. As categorias TopP e FocP codificam informações do tipo tópico-comentário e foco-suposição.

TopP e FocP são categorias independentes, contendo um especificador e um complemento. O especificador de FocP é o foco e seu complemento é a suposição. O especificador de TopP é o tópico e seu complemento é o comentário.

Apesar de o tópico e o foco se estruturarem de maneira semelhante na periferia esquerda da sentença, eles manifestam diferenças marcantes. Rizzi (1997) ressalta cinco propriedades sintáticas que distinguem tópico de foco. O

tópico pode ser retomado por um elemento pronominal, não sofre os efeitos de WCO, não é compatível com expressões quantificacionais nuas, é compatível com elementos Wh e é recursivo, ao contrário do foco. As três primeiras propriedades distintivas do tópico e do foco estão relacionadas ao fato de apenas o foco ser um constituinte de natureza quantificacional.

## 2. A periferia esquerda do VP

Belletti (2001) analisa a área interna do IP (acima de VP) e postula que é constituída por diferentes posições, como de tópico e de foco. Essas posições são preenchidas por constituintes topicalizados e focalizados e suas interpretações vêm da relação estabelecida entre o núcleo  $Foc^0/Top^0$  e seu especificador.

A autora propõe que em construções VS do italiano o sujeito pode ser interpretado como tópico ou como foco e pode preencher posições baixas de TopP e FocP, respectivamente. E, em sentenças que seguem a ordem VSO, com pausa entre o sujeito e objeto, o objeto deslocado à direita é interpretado como tópico. Nessas estruturas, o tópico pode ser retomado por um clítico ou por um vazio no comentário, constituindo duas construções distintas.

### 2.1. O sujeito pós-verbal

A inversão do sujeito é um fenômeno comum nas línguas românicas. Línguas de sujeito nulo, como o italiano, dispõem de um fenômeno conhecido como Inversão Livre do Sujeito (*Free Subject Inversion – FI*). Dentre as línguas românicas, o francês não exhibe o fenômeno de FI. Entretanto, essa língua manifesta um outro tipo de inversão, denominado Inversão Estilística (*Stylistic Inversion – SI*).

Estruturas de SI manifestam propriedades diferentes das estruturas de FI. Uma diferença é que a estrutura de SI requer um “gatilho” para que a inversão se realize, que pode ser um elemento Wh ou um verbo no subjuntivo. Ao contrário, a estrutura de FI não requer nenhum tipo de “gatilho”.

Belletti (2001) contrasta estruturas de FI (do italiano) com estruturas de SI (do francês), com o intuito de mostrar que há diferenças entre os dois processos de inversão.

(25) a. Ha parlato Gianni.

Tem falado Gianni.

b. \*A parlé Jean.

Falou Jean.

c. Il giorno in cui ha parlato / è partito Gianni.

O dia no qual tem falado/ partido Gianni.

d. È necessario che parli/ parta Gianni.

É necessário que fale/ parta Gianni.

e. Le jour où a parlé / est parti Jean.

O dia quando falou / partiu Jean.

f. Il faut que parle/ parte Jean.

É necessário que fale/ parta Jean.

A sentença (25a) do italiano é bem-estruturada, mas (25b) do francês não é. (25b) não é bem-formada porque não dispõe de um gatilho (elemento Wh ou subjuntivo) para que a inversão do sujeito ocorra. Já em (25a) não há necessidade de nenhum tipo de gatilho para que a inversão ocorra, por isso esta sentença é bem-formada.

(25c-d) e (25e-f) são bem-formadas no italiano e no francês, respectivamente. Ao contrário da sentença (25b), (25e-f) são bem-formadas, pois dispõem de um elemento Wh (*où*) e de um verbo subjuntivo (*parle/parte*). As sentenças (25c-d) do italiano também dispõem desses elementos; porém, são irrelevantes para o desencadeamento da inversão.

Seguindo análise de Kayne & Pollock (1978, 1999), Belletti (2001) propõe que em estruturas de SI o sujeito é movido para uma posição na periferia esquerda da sentença e, em seguida, é movido o IP remanescente por cima do sujeito para uma posição ainda mais alta no CP. Assim, o sujeito em SI assume uma posição alta. Segundo a autora, um caminho natural para caracterizar a diferença entre SI e FI é assumir que em FI o sujeito pós-verbal não preenche uma posição alta, diferentemente do sujeito em SI. Isso conduz à conclusão de que FI é um fenômeno interno à sentença.

Em síntese, a ordem VS deve ser concebida como envolvendo dois processos de inversão de natureza distinta: através do movimento do IP remanescente, em SI; e através do movimento do verbo para fora do VP (para I), em FI.

## 2.2 O sujeito em FI

Belletti (2001) sugere que em estruturas de FI o sujeito pós-verbal assume uma posição baixa. Baseando-se na análise desenvolvida por Cinque (1999) sobre advérbios baixos, elabora o contraste em (26) e em (27):

(26) a. ? Capiirà completamente Maria.

Compreenderá completamente Maria.

b. ?Capiirà / spiegherà bene Maria (al direttore).

Compreenderá / explicará bem Maria (ao diretor).

(27) a. \*Capiirà Maria completamente (al direttore).

Compreenderá Maria completamente (ao diretor).

b. \*Capiirà / spiegherà Maria bene (al direttore).

Compreenderá / explicará Maria bem (ao diretor).

Nas sentenças em (26) os advérbios *completamente* e *bene* estão em posições baixas nas sentenças e a presença do sujeito *Maria* após os advérbios produz

sentenças relativamente bem-formadas. Já as sentenças em (27) mostram que quando o sujeito *Maria* está antecedendo os advérbios, as sentenças não são bem-estruturadas, o que indica que o sujeito deve preencher uma posição baixa nesse tipo de estrutura.

Segundo a autora, a posição ocupada pelo sujeito pós-verbal em estruturas do italiano não é um domínio de extração, como ilustram os exemplos em (28):

(28) a. Ha telefonato [il direttore del giornale] al presidente.

Tem telefonado o diretor do jornal ao presidente.

b. ? Il giornale di cui<sub>i</sub> ha telefonato [il direttore t<sub>i</sub>] al presidente.

O jornal do qual tem telefonado o diretor ao presidente.

A sentença (28b) mostra que a extração de *di cui* de dentro do constituinte em posição de sujeito pós-verbal produz uma sentença com um certo grau de marginalidade. Isso indicaria que o sujeito pós-verbal em estruturas de FI assume uma posição-A'. E essa posição, segundo Belletti (2001), é ocupada por um constituinte com interpretação de foco.

### 2.2.1 A interpretação do sujeito

O sujeito pós-verbal pode ser interpretado como foco de informação<sup>14</sup>, como ilustram os pares de pergunta-resposta a seguir:

(29) a. Chi è partito/ ha parlato?

Quem partiu/ falou?

b. È partito/ ha parlato Gianni.

Partiu / falou Gianni.

---

<sup>14</sup> Neste trabalho, esse tipo de foco é denominado de foco não-contrastivo, seguindo proposta de Zubizarreta (1998).

c.# Gianni è partito/ ha parlato.

Gianni partiu/ falou.

(29b) é uma resposta adequada à pergunta em (29a). Nesta sentença, o constituinte *Gianni*, em posição pós-verbal, veicula informação nova não-contrastiva. *Gianni* é o valor atribuído à variável vinculada pela expressão *Wh chi*, sendo interpretado como foco.

O contraste entre (29b) e (29c) revela que o sujeito pós-verbal e o pré-verbal veiculam informações diferentes. Em (29b) o sujeito *Gianni* veicula apenas informação nova, sendo uma resposta adequada à pergunta (29a). Já em (29c) o sujeito veicula mais informação do que a pergunta solicita, sendo interpretado como foco contrastivo.

A autora propõe que o sujeito pós-verbal em (29b) preenche uma posição baixa de foco, interna ao IP. Ele não pode preencher uma posição alta de foco, pois essa posição aloja o foco com interpretação contrastiva.

(29b) pode ser também resposta adequada a uma pergunta do tipo (30):

(30) Che cosa è successo?

O que aconteceu?

Nesse caso, toda a sentença (29b) veiculará informação nova, constituindo um exemplo de foco largo.

O sujeito em estruturas VS também pode ser interpretado como tópico, como ilustra (31b):

(31) a. Che cosa farà Gianni?

O que farà Gianni?

b. Partirà, Gianni.

Partirá, Gianni.

Em (31b), o constituinte *Gianni* destaca-se na sentença por uma pausa e veicula informação velha, informação mencionada na pergunta contexto (31a), sendo

interpretado como tópico. Segundo Belletti (2001), nesse caso, o sujeito *Gianni* preenche uma posição baixa de tópico, interna ao IP.

### 2.2.2 A posição do sujeito

Belletti procura mostrar por que o sujeito pós-verbal não pode assumir uma posição alta de foco, mas sim uma posição baixa. Para isso, apresenta as construções em (32):

(32) a. Non parlerà alcun linguista.

Não falará nenhum lingüista.

b. \*Alcun linguista non parlerà.

Nenhum lingüista não falará.

O sujeito *alcun lingüista* em (32) é um item de polaridade negativa (IPN) que necessita de um marcador negativo (*non*) para ser licenciado. E seu licenciamento é obtido através de c-comando. A autora sugere que a sentença (32a) não pode ser analisada como envolvendo uma posição alta de foco e movimento do IP remanescente, como na seguinte representação:

(33) [<sub>TopP</sub> [<sub>IP</sub> Non parlerà ] [<sub>FocP</sub> alcun linguista [ t<sub>IP</sub> ]]].

Nota-se que em (33) o sujeito *alcun lingüista* é movido para a posição de Spec de FocP na periferia esquerda da sentença e, em seguida, é movido o IP remanescente *non parlerà* por cima do foco para uma posição ainda mais alta (para TopP). Caso a sentença (32a) assumisse a representação em (33), o IPN *alcun linguista* não seria c-comandado pelo seu licenciador *non*, pois este estaria encaixado dentro do IP.

Diante disso, o mais adequado seria considerar que (32a) é representada por uma estrutura como (34), ao invés de (33).

(34) [<sub>IP</sub> [<sub>I</sub> Non parlerà ] [<sub>FocP</sub> alcun linguista ...]].

Em (34), o sujeito *alcun linguista* assume uma posição baixa de foco e o constituinte *non parlerà* se move para I. Neste caso, a condição de c-comando é preservada, pois o IPN *alcun linguista* é dominado pelo irmão de *non*.

A impossibilidade de uma sentença como (32b) deriva do fato de o IPN assumir a posição alta de foco, não podendo assim ser c-comandado pelo licenciador *non*. Isso indicaria que o sujeito em estruturas FI assume de fato uma posição baixa de foco e não uma posição alta.

Em italiano, a posição de foco da periferia esquerda da sentença está associada com a interpretação contrastiva/corretiva e carrega um acento especial. Segundo Belletti (2001), esse foco não deve veicular apenas informação nova, como ilustra a sentença (35b):

(35) a. Chi è partito/ ha parlato?

Quem partiu/falou?

b. # GIANNI è partito/ ha parlato.

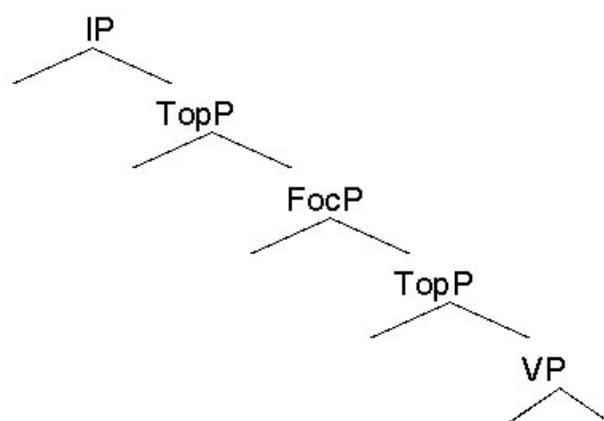
GIANNI partiu/falou.

(35b) não é resposta adequada a pergunta (35a). Ela expressa mais informação do que a pergunta solicita. Esta sentença seria adequada como correção a uma declaração do tipo *Maria è partito*. Nesse caso, ela veicularia além de uma informação nova, uma informação contrastiva. Uma resposta adequada à pergunta (35a) seria uma sentença com o sujeito *Gianni* em posição pós-verbal, veiculando apenas informação nova, como em (29b).

A autora sugere então que a posição de foco ocupada pelo sujeito em estruturas FI não deve ser a mesma do foco da periferia esquerda da sentença, mas sim uma posição mais baixa. Propõe também que a ordem VS neste tipo de sentença deve ser obtida através do movimento do verbo para I, e não através do movimento do IP remanescente por cima do sujeito para uma posição mais alta no CP.

Belletti postula uma projeção FocP interna ao IP (na periferia esquerda do VP) para alojar o sujeito pós-verbal de estruturas FI. Conforme discussão anterior, o sujeito pós-verbal também pode ser interpretado como tópico, preenchendo uma posição baixa de tópico (como em (31b)). Assim, na área acima do VP, além de uma projeção FocP estaria também disponível uma projeção de TopP para alojar constituintes topicalizados situados em posições pós-verbais. Com base nessas postulações, a autora propõe a seguinte estrutura:

(36)



Nota-se que há um certo paralelismo entre essa área e a área periférica do CP proposta por Rizzi (1997). Assim como no CP, na área acima de VP há mais de uma posição disponível para tópico, mas apenas uma posição para foco.

## 2.3 A ordem VSXP

### 2.3.1 VSO e VSPP

Em estruturas com ordem VSXP há contraste entre sentenças que apresentam um objeto direto após o sujeito e as que apresentam um objeto preposicionado, conforme ilustram os exemplos em (37):

(37) a.? Ha telefonato Maria al giornale.<sup>15</sup>

Tem telefonado Maria ao jornal.

b.\*Ha comprato Maria il giornale.

Tem comprado Maria o jornal.

c. ?Ha sparato il bandito al carabiniere.

Tem atirado o bandido no policial.

d. \*Ha colpito il bandito il carabiniere.

Tem ferido o bandido o policial.

As sentenças em (37) são pronunciadas sem pausa entre o sujeito e o complemento. Quando há pausa, os julgamentos destas sentenças mudam, como será mostrado adiante.

A diferença entre as sentenças com objeto direto e as com objeto preposicionado está no fato de o primeiro ser um DP e o último um PP. DPs precisam de Caso, contrariamente aos PPs. Os DPs *il giornale* em (37b) e *il carabiniere* em (37d) só podem verificar seus Casos acusativos fora dos VPs, em uma posição mais alta do que a do sujeito pós-verbal *Maria*. Mas o sujeito está interferindo na relação entre o DP objeto e o verbo (seu atribuidor de Caso), violando assim a Minimalidade Relativizada (RM). Por essa razão, estas sentenças não são bem-formadas.

Nas sentenças (37a) e (37c), os DPs que fazem parte do objeto preposicionado *al giornale* e *al carabiniere* verificam seus Casos dentro do PP, pois seu atribuir (a preposição) está nesse constituinte. Nenhuma relação externa ao VP é requerida para satisfazer o Caso desses DPs. Dessa forma, não há violação da RM e as sentenças são relativamente bem-formadas.

Em sentenças VSPP, com pausa entre S e PP, o PP pode ser tópico, como mostra (38b):

---

<sup>15</sup> O “?” significa que as sentenças contendo sujeito com interpretação de foco não-contrastivo em uma posição que antecede o objeto preposicionado são relativamente bem-formadas. Porém, a posição preferencial do sujeito é no final da sentença, como em (i):

(i) Ha telefonato al giornale Maria.

(38) a. Chi ha sparato al carabiniere?

Quem tem atirado no policial?

b. Ha sparato il bandito, al carabiniere.

Tem atirado o bandido, no policial.

O PP *al carabiniere* em (38b) destaca-se na sentença por uma pausa e veicula informação velha, sendo interpretado como tópico. O tópico *al carabiniere*, segundo Belletti, preenche a posição de Spec de TopP baixo, localizado abaixo do sujeito *il bandito*. O sujeito preenche a posição baixa de foco, considerando que este veicula apenas informação nova.

### 2.3.2 VS O

Em italiano, o grau de aceitabilidade de sentenças com ordem VSO muda se entre o sujeito e o objeto direto houver uma pausa, como ilustram as sentenças:

(39) a. L'ha comprato Maria, il giornale.

O tem comprado Maria, o jornal.

b. Ha comprato Maria, il giornale.

Tem comprado Maria, o jornal.

Em ambas as sentenças há uma pausa entre o sujeito *Maria* e o objeto *il giornale*. Entretanto, apenas no primeiro caso (39a) há um clítico (*lo*) co-indexado ao objeto direto situado na periferia direita da sentença. De acordo com Belletti (2001), (39a) é um exemplo de *clitic right dislocation* (deslocamento à direita com clítico) e (39b) é um exemplo de *emarginazione* (marginalização), conforme Antinucci & Cinque (1977).

Apesar de as sentenças (39a) e (39b) serem aparentemente semelhantes, expressam diferenças significativas, conforme apontado por Cardinaletti (2001) e Frascarelli (2000). Os pares de pergunta-resposta ressaltam diferenças entre as duas construções:

(40) A: Chi ha comprato il giornale?

Quem tem comprado o jornal?

B: a. L'ha comprato Maria, il giornale.

O tem comprado Maria, o jornal.

b.# Ha comprato MARIA, il giornale.

Tem comprado MARIA, o jornal.

Segundo Belletti (2001), em marginalização (40Bb), o sujeito pós-verbal deve ser necessariamente interpretado como foco contrastivo, enquanto em deslocamento à direita com clítico não é necessário. Em (40Ba), por exemplo, o sujeito é interpretado como foco não-contrastivo. Isso explicaria em certa medida por que apenas a construção de deslocamento à direita com clítico (em (40Ba)) é uma resposta adequada a uma pergunta como (40A).

A autora propõe que o objeto direto *il giornale* em (40Ba) preenche uma posição baixa de tópico, situada abaixo do foco *Maria*. Nesta estrutura, é o clítico *lo*, situado no comentário, que satisfaz requerimento de Caso. Como ele se move para a projeção de Caso acaba assumindo uma posição mais alta do que a do sujeito focalizado *Maria*. Dessa forma, o sujeito não causa interferência, conseqüentemente o Caso acusativo pode ser verificado.

A falta do clítico em (40Bb) indica que o objeto deve verificar o caso diretamente sem a mediação do clítico, o que é impossível, pois há interferência do sujeito. Para Belletti (2001), sentenças com a mesma ordem são aceitáveis em italiano se o sujeito for interpretado como foco contrastivo, porque com essa interpretação ele assume uma posição alta de foco na periferia esquerda da sentença. Assim, ao se mover para a periferia esquerda, o sujeito abre caminho para que o verbo atribua Caso à cv objeto situada internamente ao IP.

A autora sugere que a construção de marginalização (40Bb) envolve outros processos de topicalização: topicalização do objeto em uma posição periférica de tópico e topicalização do IP remanescente. Segundo essa análise, uma estrutura de marginalização como (40Bb), por exemplo, pode ser representada como:

(41) . . . [[<sub>IP<sub>K</sub></sub> cv<sub>i</sub> ha comprato cv<sub>j</sub>] Top [[MARIA] Foc] [[il giornale] Top]. . . IP<sub>K</sub>

Nesse caso, o objeto direto *il giornale* assume uma posição de tópico na periferia esquerda da sentença. O sujeito *MARIA* é movido por cima do tópico para uma posição mais alta (para Spec de FocP). Em seguida, o IP remanescente (cv<sub>i</sub> ha comprato cv<sub>j</sub>) é movido por cima do objeto topicalizado e do sujeito focalizado para uma posição ainda mais alta na estrutura, para TopP.

Segundo Belletti (2001), uma construção VS#O com o sujeito focalizado contrastivamente e com o objeto direto topicalizado não admite facilmente um item de polaridade negativa, como mostra (42):

(42) ?\*Non hanno detto che (i/dei) LINGUISTI la verità.

Não têm falado senão LINGÜISTAS a verdade.

Entretanto, esta sentença é melhorada se o objeto direto topicalizado for retomado por um clítico, como em (43):

(43) Non l'hanno detto che (i/dei) linguisti, la verità.

Não a têm falado senão lingüistas, a verdade.

Esse fato indicaria que construções de deslocamento à direita com clítico e de marginalização exigem análises distintas, conforme sugere Cardinaletti (2001). Entretanto, o caminho que Belletti (2001) trilha para estabelecer a distinção entre as duas construções é diferente do de Cardinaletti.

Para Cardinaletti (2001), em marginalização o objeto direto preenche uma posição interna ao VP e não é interpretado como tópico, enquanto que em

deslocamento à direita ele preenche uma posição de tópico e assume uma posição periférica.<sup>16</sup>

Belletti (2001) não concorda com essa análise e propõe que tanto em deslocamento à direita com clítico quanto em marginalização o objeto preenche uma posição de tópico, embora sejam posições diferentes. Em deslocamento à direita com clítico como em (40Ba), por exemplo, o objeto assume uma posição de tópico interna a sentença e, em marginalização como em (40Bb) assume uma posição periférica de tópico.

## 2.4 A ordem VOS: VO como tópico

Sentenças VOS são possíveis em italiano somente quando a seqüência VO é interpretada como tópico, como ilustram os seguintes exemplos:

(44) a.??Capirà il problema Gianni.

Compreenderá o problema Gianni.

b.?? Ha chiamato Maria Gianni.

Tem chamado Maria Gianni.

As sentenças (44a) e (44b), embora extremamente marginais, são possíveis respostas às perguntas (45a) e (45b), respectivamente:

---

<sup>16</sup> Em trabalho posterior (em 2002), Cardinaletti mantém a mesma proposta. Sugere que uma construção de marginalização como (40Bb), por exemplo, aceita a seguinte representação:

(i) a [<sub>IP</sub> ha [<sub>ASP</sub> comprato<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> Maria t<sub>i</sub> il giornale]]].

O verbo *comprato* é movido para o núcleo aspectual (ASP). Esse movimento seria motivado pela possibilidade de o sujeito focalizado *Maria*, em Spec de VP, ocorrer entre o verbo e o objeto marginalizado *il giornale*. Nesse caso, o objeto direto permaneceria *in situ* na sentença. Já uma construção de deslocamento à direita como (40Ba) exigiria uma representação diferenciada, como mostra (ii):

(ii) [<sub>XP</sub> [<sub>IP</sub> l'ha comprato Maria ] X<sup>0</sup> [<sub>DP</sub> il giornale]].

O objeto *il giornale* preencheria uma posição externa à sentença (no lado direito do comentário). Segundo a autora, somente nesse caso, o objeto preencheria uma posição-A', sendo interpretado como tópico.

(45) a. Chi capirà il problema?

Quem compreenderá o problema?

b. Chi ha chiamato Maria?

Quem tem chamado Maria?

Porém, respostas mais naturais às perguntas em (45) são sentenças que envolvem a cliticização do objeto direto, como:

(46) a. Lo capirà Gianni.

O compreenderá Gianni.

b. L'ha chiamato Gianni.

A tem chamado Gianni.

Belletti (2001) procura explicar as razões do elevado grau de marginalidade das sentenças em (44) e da plena aceitabilidade das sentenças em (46). Segundo a autora, o objeto direto não pode permanecer na posição em que verifica o Caso, como nas sentenças em (44). Ele passa por essa posição, mas não deve estacionar. Se o objeto direto deixar a posição de Caso vazia, como acontece quando é cliticizado, as sentenças tornam-se plenamente aceitáveis, como em (46a) e em (46b).

Diante disso, uma questão que surge é: por que as sentenças em (44) tem um leve grau de aceitabilidade e não são plenamente agramaticais? Belletti sugere que há possibilidade de sentenças do tipo (44) envolverem topicalização de VO remanescente, interna à sentença. Assim, a seqüência VO preencheria uma posição baixa de tópico acima de uma posição interna de foco (preenchida pelo sujeito *Gianni*).

O fato de as sentenças em (44) envolverem um tipo de topicalização remanescente interna à sentença, que é mais custoso que o processo de cliticização do objeto, resultou em sentenças no limite da gramaticalidade. Apesar disso, nenhum princípio gramatical foi violado e essas sentenças não são completamente descartadas pelos falantes do italiano.

## 2.5 Resumo da seção

Belletti (2001) propõe que a área da periferia esquerda do VP, assim como a área do CP, pode conter categorias como TopP e FocP. Essas categorias alojam constituintes topicalizados e focalizados situados internamente à sentença.

A análise centra-se em estruturas VS do italiano. Segundo a autora, em estruturas de FI, o sujeito assume uma posição baixa, diferentemente do sujeito em estruturas SI do francês. Em FI, o sujeito pode ser interpretado como foco não-contrastivo, assumindo assim uma posição baixa de foco. Esse sujeito não pode ser interpretado como foco contrastivo, pois esta interpretação está associada à posição alta de foco. Belletti afirma que o sujeito em estruturas VS pode também veicular uma informação velha, sendo interpretado como tópico. Nesse caso, ele preenche uma posição baixa de tópico, interna ao IP.

Em estruturas VSO, com pausa entre o sujeito e objeto direto, o objeto pode ser retomado por um clítico ou por um vazio no comentário, constituindo dois tipos distintos de construções: de deslocamento à direita com clítico e de marginalização, respectivamente. Diferentemente de Cardinaletti (2001), que propõe que apenas em construções de deslocamento à direita o objeto preenche posição de tópico, Belletti sugere que em ambas as construções o objeto assume uma posição de tópico, porém são posições diferentes. Em construções de deslocamento à direita com clítico o tópico assume uma posição baixa (interna ao IP) e em marginalização uma posição alta (na periferia esquerda da sentença).

Sentenças com ordem VOS, com a seqüência VO como tópico, são produzidas pelos falantes do italiano, embora manifestem um elevado grau de marginalidade. Segundo Belletti (2001), nesse tipo de sentença o sujeito pós-verbal assume uma posição baixa de foco (interna ao IP) e a seqüência VO se move por cima do foco para uma posição baixa de tópico. Entretanto, sentenças que apresentam o objeto cliticizado, com a posição de Caso vazia, são plenamente gramaticais.

# Capítulo 3

## Sentenças com Tópico em Português Brasileiro

### 0. Introdução

Neste capítulo serão descritos e analisados três tipos de construções com tópico deslocado à esquerda da sentença-comentário: *Hanging Topic* (Tópico Pendente), *Clitic Left Dislocation* (Deslocamento à Esquerda com Clítico) e Topicalização. Destacam-se algumas propriedades peculiares de cada uma delas, como o tipo de constituinte topicalizado, o tipo de elemento resumptivo e sensibilidade ou não aos efeitos de ilhas sintáticas fortes. Aplicando o teste de ilhas sintáticas, procura-se saber se os tópicos são gerados na posição em que se encontram (na periferia esquerda da sentença) ou se são movidos.

Analisa-se também dois tipos de tópicos deslocados à direita: tópico retomado por um pronome tônico e retomado por uma cv no comentário. Procura-se determinar se há simetrias ou não entre o primeiro tipo de tópico deslocado à direita e o *Hanging Topic* e entre o segundo e a Topicalização. Um outro tipo de tópico que será analisado é o tópico que aparece intercalado na sentença.

Seguindo análise de Rizzi (1997), propõe-se que o constituinte topicalizado preenche uma posição alta de tópico na periferia sentencial (em Spec de TopP), e não uma posição interna à sentença (em Spec de AgrP), como sugere Galves (1993).

## 1. Tópicos à esquerda

Nesta seção serão analisados três tipos de construções que envolvem constituintes topicalizados na periferia esquerda: Construções *Hanging Topic*, *Clitic Left Dislocation (CLLD)* e *Topicalização*.<sup>17</sup>

### 1.1 *Hanging Topic*

A construção *Hanging Topic* apresenta um constituinte (DP) deslocado à esquerda da sentença-comentário. Esse constituinte é retomado por um elemento foneticamente realizado, que pode ser um pronome tônico ou uma preposição+pronome<sup>18</sup>, como ilustram os seguintes exemplos:

- (1) Os externos<sub>i</sub>, eles<sub>i</sub> usavam uniforme cáqui,... (FLP24L699).<sup>19</sup>
- (2) A minha afilhada<sub>i</sub>, eles levavam ela<sub>i</sub> pra me visitar. (FLP20L219)
- (3) A minha afilhada<sub>i</sub>, eu gosto dela<sub>i</sub>.

Em (1) e (2) os DPs topicalizados *os externos* e *a minha afilhada* estão sendo retomados por pronomes tônicos (*eles* e *ela*) no comentário e, em (3), o DP *a minha afilhada* é retomado por uma preposição+pronome (*dela*). Esses elementos resumptivos são referencialmente dependentes dos tópicos situados na periferia esquerda da sentença. Como ilustrado nos exemplos acima, esse tipo de tópico pode corresponder a diferentes posições sintáticas: de sujeito (1), de objeto direto (2) e de objeto indireto (3).

---

<sup>17</sup> No português brasileiro há ocorrência de um outro tipo de tópico, denominado *Headed Topic* (tópico “nucleado”). Esse tipo de tópico é regido por expressões como ‘*quanto à*’ e ‘*em relação à*’, como ilustra o seguinte exemplo:

(i) Quanto à Maria, eu encontrei (ela) no cinema ontem.

‘*Quanto à*’ funciona como uma espécie de selecionador de um dos tópicos (*Maria*) presentes no universo do discurso. Como ilustrado em (i), esse tipo de tópico pode ter como resumptivo um pronome tônico ou uma cv no comentário. A análise desse tópico ficará para um trabalho futuro. Um outro tipo de construção que não será analisado neste trabalho é o que envolve a topicalização de constituintes verbais na periferia esquerda da sentença (cf. Bastos 2001). Construções como:

(ii) a. Fazer, eu fiz o bolo.  
b. Fazer o bolo, eu fiz (mas...)

<sup>18</sup> O *Hanging Topic* pode ser retomado também por um epíteto, conforme aponta Kato (1998):

(i) O Collor<sub>i</sub>, ninguém mais quer ver o safado<sub>i</sub>, de novo.

<sup>19</sup> Em (1), os *externos* se refere aos estudantes de um determinado colégio citado pelo informante.

Como mostram os exemplos acima, o tópico de construções *Hanging Topic* deve ser necessariamente um DP, e não outros tipos de XPs (como PPs ou APs):

- (4) a. \*Da minha afilhada<sub>i</sub>, eu gosto dela<sub>i</sub>.  
b. \*Bonita<sub>i</sub>, a minha afilhada é ela<sub>i</sub>.

Nota-se que o PP topicalizado *da minha afilhada* e o AP *bonita* não podem ser retomados por uma preposição+pronome (*dela*) e por um pronome tônico (*ele*), respectivamente. Apenas DPs podem ter como resumptivos pronomes tônicos.

Não há consenso entre lingüistas de que os DPs *os externos* e *a minha afilhada* em (1), (2) e (3), por exemplo, preenchem posições de tópicos na periferia esquerda da sentença. Galves (1993), por exemplo, sugere que uma estrutura como (1) dispõe de duas posições para sujeito internas à sentença. Uma posição (mais alta) seria preenchida por um nome e a outra (mais baixa) por um pronome lexical ou nulo.

### 1.1.1. Posição de sujeito suplementar: Galves (1993)

Segundo Galves (1993), a manifestação de sentenças com tópico em português brasileiro está relacionada com o enfraquecimento da concordância. A autora afirma que nessa língua o elemento de concordância da flexão verbal tornou-se fraca.<sup>20</sup> Não se encontra mais a oposição entre as três pessoas do discurso, mas sim uma oposição binária entre pessoa/não-pessoa (1ª pessoa/3ª pessoa), associada a uma oposição singular/plural.

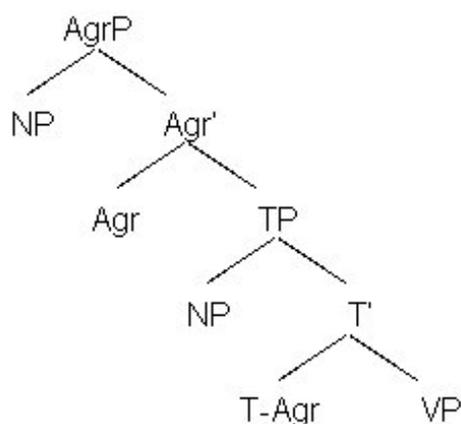
Seguindo análises em gramática gerativa, a autora sugere que a flexão verbal é constituída por Tempo (T) e Concordância (Agr), que são dois núcleos independentes. No processo de derivação, esses dois núcleos se juntam, e Agr passa a ter domínio sobre T. Assim, Agr torna-se o núcleo da flexão, assumindo uma posição mais alta na estrutura.

---

<sup>20</sup> Considera fraca “a concordância que não contém pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático”. (Galves 1993:395)

Segundo a autora, desde o início da derivação, há um morfema de concordância *fraco* gerado como afixo do núcleo T, como mostra a seguinte estrutura:

(5)



É o núcleo Agr, dominando TP, que define uma posição de sujeito suplementar na estrutura. Assim, o sujeito, no sentido tradicional do termo, ocuparia a posição de Spec de TP onde receberia Caso nominativo.<sup>21</sup> O verbo encontraria em T todos os elementos funcionais de que precisa para sua completude morfológica, não sendo necessário seu deslocamento para o núcleo Agr. Então, a posição Spec de AgrP estaria livre para alojar um outro sintagma nominal como sujeito, cujo predicado seria toda a sentença.

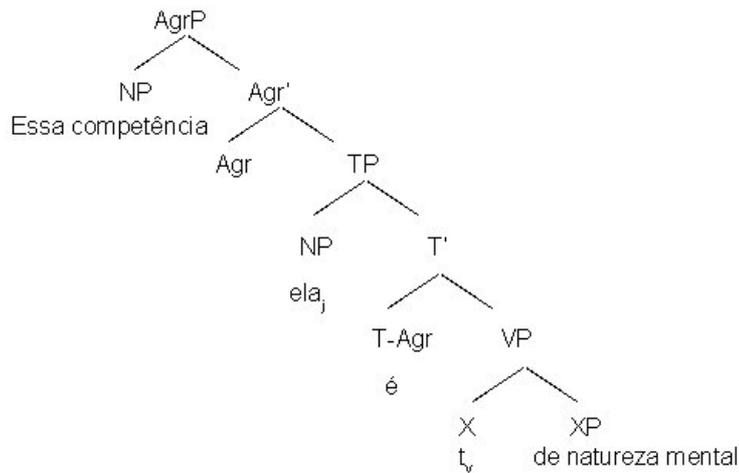
Baseando-se nessa análise, Galves (1993) propõe a representação em (7) para a sentença (6):

(6) Essa competência ela é de natureza mental (Pontes 1987).

---

<sup>21</sup> Segundo Galves, em estruturas de línguas de concordância forte, diferentemente de línguas de concordância fraca, o sujeito preenche a posição de Spec de AgrP. Assim, nessas línguas a estrutura sentencial não dispõe de uma posição de sujeito suplementar.

(7)

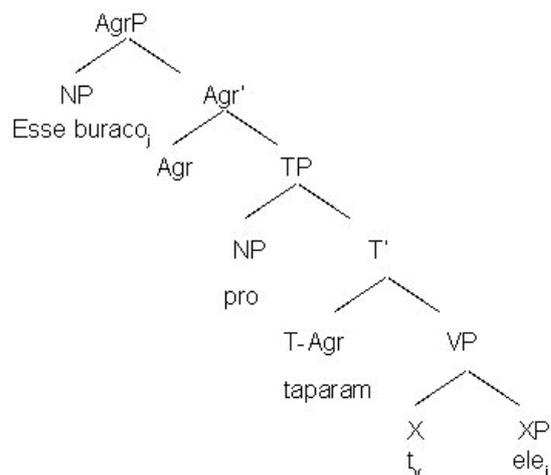


Em (7), o pronome *ela* ocupa a posição de sujeito em Spec de TP e o DP *essa competência* preenche a posição de Spec de AgrP, sendo analisada também como posição de sujeito. O predicado do sujeito *essa competência* seria toda a sentença *ela é de natureza mental*. O fato de o português brasileiro ter a concordância fraca e as duas posições de sujeito é usado para explicar a diferença entre línguas que permitem que o sujeito topicalizado seja retomado por um pronome e línguas que não permitem este tipo de construção.

Galves (1993) estende essa mesma análise a sentenças em que o constituinte em posição periférica corresponde ao objeto:

(8) Esse buraco, taparam ele outro dia (Pontes 1987)

(9)



Nesse caso, o sujeito *pro* recebe Caso nominativo em Spec de TP e a posição Spec de AgrP é preenchida pelo DP esse *buraco*, analisado como sujeito de uma predicação mais alta. O predicado do sujeito esse *buraco* é a sentença que o segue, contendo o pronome co-referente (*ele*) em posição de complemento. Assim como (7), a estrutura (9) também teria duas posições disponíveis de sujeito: uma em Spec de AgrP (para o sujeito da predicação) e outra em Spec de TP (para o sujeito da sentença).<sup>22</sup>

### 1.1.2 Posição periférica de tópico

Diante da proposta apresentada por Galves (1993), surgem algumas questões. A primeira tem a ver com sentenças que têm o sujeito (contrastivamente) focalizado: se há duas posições disponíveis para sujeito na estrutura, por que em sentenças com sujeito focalizado apenas uma posição de sujeito pode ser preenchida, como ilustra o contraste em (10):

- (10) a. O PEDRO foi à festa, não a Maria.  
b. \*O PEDRO ele foi à festa, não a Maria.

---

<sup>22</sup> Galves (1998) reformula essa análise. Seguindo a versão minimalista do quadro de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1995), exclui Agr do conjunto das categorias funcionais. O argumento para tal exclusão é que esta categoria não tem traços interpretáveis, diferentemente de TP e de COMP. A autora considera Agr como um traço formal parametricamente associado a categorias funcionais. Propõe ainda que entre TP e COMP há uma outra categoria funcional: Pessoa. Pessoa (PersP) preenche os requisitos de uma categoria funcional, pois tem traços interpretáveis em LF, que são os traços- $\varphi$  (não-interpretáveis).

Como os traços- $\varphi$  são traços não-interpretáveis, eles forçam o movimento de outros traços- $\varphi$  para verificá-los. A verificação pode ser feita pelos traços- $\varphi$  de um sintagma localizado em Spec de PersP ou pelos traços- $\varphi$  que se movem para o núcleo de PersP. No primeiro caso, a verificação dependerá do traço Agr em PersP e, no segundo, dependerá do movimento visível do verbo com seus traços ou apenas do movimento invisível de traços. Como a categoria PersP não apresenta traços-V e nem Agr, seus traços- $\varphi$  não podem ser verificados nem pelo movimento do verbo e nem pelo movimento do sujeito. Então, a alternativa que resta é a verificação dos traços através do movimento invisível de traços pronominais, considerados como traços- $\varphi$  interpretáveis (conforme Everett 1996).

Com base nessa análise, Galves sugere que uma sentença como (6) pode ser representada da seguinte forma:

- (i) [<sub>PersP</sub> Essa competência [<sub>PersP</sub>  $\varphi_i$  [<sub>TP</sub> *ela* <sub>i</sub> é de natureza mental]]].

Os traços- $\varphi$  do pronome *ela*, situado em TP, movem-se para verificar os traços- $\varphi$  de PersP. E, o DP *essa competência* permanece adjungido a PersP mais alto. Assim, a estrutura dispõe de duas posições para sujeito: uma preenchida pelo pronome *ela* em Spec de TP e a outra pelo DP *essa competência* em Spec de PersP.

Se a estrutura sentencial fosse de fato a proposta por Galves (1993 ou 1998), a sentença (10b) deveria ser bem-formada, pois o DP *O PEDRO* poderia ocupar qualquer posição acima de Spec de TP e o pronome tônico *ele* a posição de sujeito em Spec de TP. Mas (10b) não é bem-formada, ao contrário de (10a) que apresenta apenas uma posição de sujeito pronunciada.

Outra questão: caso a estrutura fosse de fato a sugerida em (5), deveria ser possível mover por cima de Spec de TP qualquer constituinte de dentro da sentença, o que não acontece. Por exemplo, em sentenças com “sujeito redobrado” não há possibilidade de mover o elemento Wh, conforme aponta Figueiredo Silva (1996:74):

- (11) a. A Maria<sub>i</sub>, quem que ela<sub>i</sub> encontrou?  
b. \*Quem que a Maria<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> encontrou?

A má-formação da sentença (11b) indica que o DP *a Maria* causa interferência no movimento do elemento Wh (*quem*) para uma posição mais alta na estrutura. Quando *quem* preenche uma posição mais baixa do que a posição ocupada por *a Maria*, como em (11a), a sentença torna-se bem-formada. Isso indica que o DP *a Maria* deve ocupar uma posição bem mais alta do que a ocupada pela expressão Wh movida, como se presume, para Spec de CP.

Esses fatos conduzem à análise de que o constituinte *a Maria* em (11) não pode preencher a posição de sujeito em Spec de AgrP, como sugere Galves (1993). Assume-se que esse constituinte preenche uma posição periférica (posição-A') de tópico, conforme (Rizzi 1997).

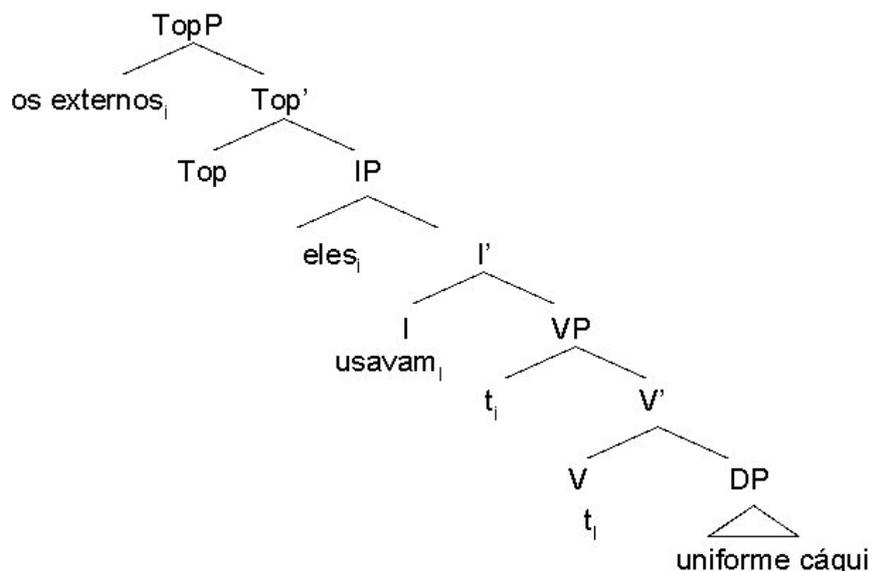
De acordo com a proposta de Rizzi (1997), o contraste entre as sentenças (11a) e (11b) pode ser explicado da seguinte forma: em (11a) o DP *a Maria* preenche a posição alta de tópico (Spec de TopP) na periferia esquerda da sentença e o elemento Wh *quem* se desloca de sua posição de origem (de complemento) para Spec de FocP. Como o tópico está em uma posição mais alta na estrutura, ele não causa interferência entre o elemento Wh e o IP que lhe segue. Já em (11b), esta interferência se manifesta tornando a sentença agramatical.

O contraste entre (10a) e (10b) também pode ser explicado de acordo com a análise de Rizzi (1997). Em (10), o constituinte *O PEDRO* não preenche a posição de sujeito, mas sim a posição de foco na periferia esquerda da sentença. Como o foco é um constituinte de natureza quantificacional, ele deve ligar uma cv variável interna à sentença. Neste caso, a cv variável preenche a posição de sujeito sentencial. Em (10b), *O PEDRO* também é um foco, porém não há na sentença uma cv variável que ele possa vincular, pois o pronome tônico não pode funcionar como variável. Então, o motivo da má-formação de (10b) está no fato de existir na estrutura um elemento quantificacional em posição-A' (o foco) e não existir uma cv variável para ocorrer a vinculação.

Assim, propõe-se que os DPs *os externos* em (1) e *a minha afilhada* em (2) e (3) preencham posições de tópico na periferia esquerda da sentença. Os elementos resumptivos *eles*, *ela* e *dela* ocupam posições de sujeito, de objeto direto e de objeto indireto, respectivamente.

De acordo com essa análise, uma sentença como (1) pode ser representada da seguinte forma:

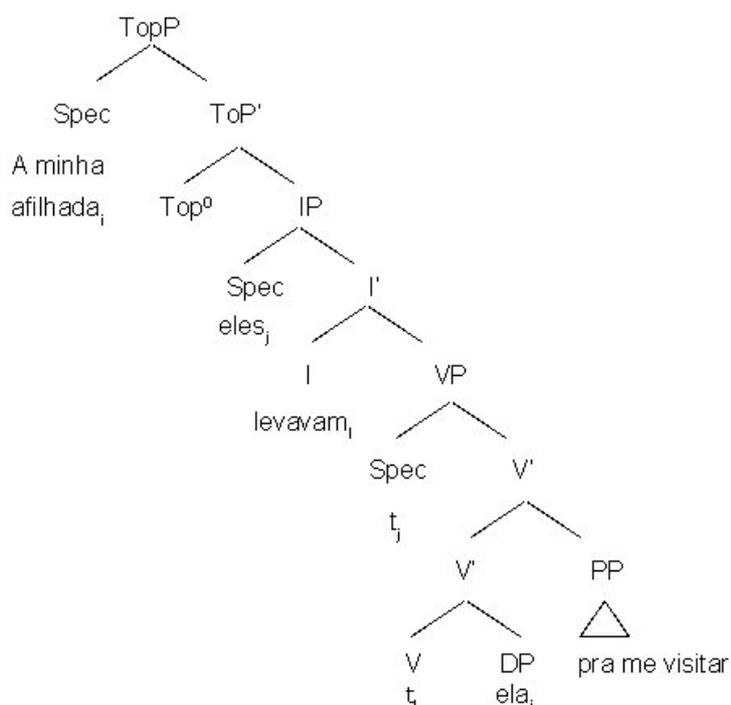
(12)



O DP *os externos* preenche a posição de tópico em Spec de TopP na periferia esquerda da sentença. E o pronome tônico *eles* assume a posição de sujeito em Spec de IP, onde satisfaz requerimento de Caso. Nota-se que, nessa estrutura, o DP *os externos* e o pronome resumptivo *eles* assumem posições em domínios diferentes: o primeiro em CP e o segundo em IP.

Como visto anteriormente, em (2), o DP topicalizado pode também ser retomado por um pronome tônico situado em posição de objeto direto. Essa construção segue uma estrutura semelhante a (12), como pode ser visto a seguir:

(13)



Em (13), o tópico *a minha afilhada* assume a posição Spec TopP na periferia esquerda da sentença; o pronome *ela* assume a posição de complemento (objeto direto) do verbo *levar*. Neste caso, a posição de sujeito (em Spec de IP) é preenchida pelo pronome *eles*.

O DP topicalizado pode corresponder também ao objeto indireto, como ilustrado em (3). Entretanto, o elemento resumptivo só pode ser uma preposição+pronome. Essa construção segue uma estrutura semelhante à de construções com objeto direto, como (13).

O tópico localizado na periferia esquerda da sentença matriz pode também ser retomado por um pronome tônico na sentença encaixada, como ilustram os seguintes exemplos:

- (14) a. Os externos<sub>i</sub>, o João disse que eles<sub>i</sub> usavam uniforme cáqui.  
b. A minha afilhada<sub>i</sub>, o João disse que eles levavam ela<sub>i</sub> pra me visitar.  
c. A minha afilhada<sub>i</sub>, eles disseram que o João casou com ela<sub>i</sub>.

Em (14a) o DP topicalizado está co-indexado com o pronome *ele* em posição de sujeito da sentença encaixada e, em (14b-c), o DP topicalizado *a minha afilhada* está co-indexado com o pronome *ela* em posição de objeto direto e com a expressão *com ela* (preposição+pronome) em posição de objeto indireto. Esses exemplos comprovam que o constituinte topicalizado preenche de fato uma posição alta na estrutura.

Frente aos exemplos apresentados, uma questão que surge é se o constituinte topicalizado foi gerado na periferia esquerda da sentença ou se ele se moveu para essa posição. Uma forma de saber se houve ou não movimento de tópicos é testar as construções em ilhas sintáticas (estruturas sintáticas que impossibilitam o movimento de constituintes para fora de seus limites). Ilhas sintáticas foram estudadas originariamente por Ross (1967) e são consideradas, atualmente, como testes clássicos para detectar movimento de constituintes.

Serão testadas construções *Hanging Topic*, apresentadas anteriormente, em dois tipos de “ilhas fortes”: ilha relativa e ilha com adjunto (Cinque 1990). Considere, primeiramente, construções em contextos de ilhas relativas:

- (15) a. O carro<sub>i</sub>, eu conheço o rapaz [que comprou ele<sub>i</sub>].  
b. A Maria<sub>i</sub>, o João conhece o rapaz [que gosta dela<sub>i</sub>].

O pronome *ele* em (15a) e a preposição+pronome *dela* em (15b), mesmo estando dentro de ilhas relativas, podem ser co-indexados com os constituintes topicalizados *o carro* e *a Maria*. Nota-se que não há contraste entre a sentença com tópico inanimado (15a) e a com tópico animado (15b) quanto a restrições de ilhas.

Considere agora construções *Hanging Topic* em ilhas adjuntas:

- (16) a. O carro<sub>i</sub>, o João trocou os pneus [antes de vender ele<sub>i</sub>].  
b. A Maria<sub>i</sub>, o João chora [toda vez que pensa nela<sub>i</sub>].

Em (16), os elementos resumptivos *ele* e *nela* posicionados dentro das ilhas adjuntas podem ser co-indexados com os tópicos *o carro* e *a Maria*, respectivamente. A boa-formação das sentenças em (15) e em (16) revela que construções *Hanging Topic* não são sensíveis a ilhas sintáticas. Isso indica que esse tipo de tópico não resulta de movimento para a periferia esquerda da sentença, mas que ele é gerado lá.

Como foi visto no decorrer da seção, a construção *Hanging Topic* se caracteriza pelas seguintes propriedades: apresenta como tópico apenas DPs, o tópico é retomado por pronome tônico e não é sensível aos efeitos de ilhas sintáticas fortes. As duas primeiras propriedades distinguem a construção *Hanging Topic* de um outro tipo de construção: da *Clitic Left Dislocation*.

## 1.2 *Clitic Left Dislocation (CLLD)*

As línguas românicas que dispõem de um sistema rico de clíticos, como o italiano e o português europeu, por exemplo, articulam construções *Clitic Left Dislocation (CLLD)* (cf. Cinque 1990). Nesse tipo de construção, o tópico, situado na periferia esquerda da sentença, é retomado por um pronome clítico no comentário. Como ilustração, considere duas construções *CLLD* do português europeu (exemplos de Duarte, 1987):

- (17) a. (...) os gerentes<sub>i</sub>, trata-os<sub>i</sub> como se fossem míseros contínuos.  
b. Ao teu amigo<sub>i</sub>, ainda não lhe<sub>i</sub> pagaram os direitos de autor, pois não?

Em (17a), o DP topicalizado *os gerentes* está co-indexado com o clítico *os* em posição de objeto direto e, em (17b), o PP topicalizado *ao teu amigo* está co-indexado com o clítico *lhe* em posição de objeto indireto.

Esses exemplos mostram que em construções *CLLD* o constituinte topicalizado pode ser DPs e PPs, diferentemente das construções *Hanging Topic* que admitem como tópico apenas DPs. Segundo Cinque (1990), a *CLLD* não apresenta restrições quanto ao tipo de constituinte que pode ser tópico (pode ser DP, PP, AP, entre outros).

Diferentemente do italiano e do português europeu, o português brasileiro não dispõe de um sistema rico de clíticos. Essa língua vem gradativamente sofrendo uma perda dos clíticos acusativos de terceira pessoa, persistindo apenas os de primeira e segunda pessoa (cf. Pagotto 1993, Cyrino 1993 e 1998, entre outros).

Cyrino (1993, 1998) aponta que ao mesmo tempo em que há uma perda dos clíticos de terceira pessoa, há um aumento concomitante da ocorrência de objetos nulos. Isso leva a autora a deduzir que o surgimento do objeto nulo (e também do pronome tônico) em português brasileiro esteja relacionado à queda dos clíticos complementos.

Apesar de ser bastante reduzida, ainda há ocorrência de clíticos complementos no português brasileiro, como mostram as sentenças em (18) (exemplos de Luize 1997, retirados do *corpus* do VARSUL):

- (18) a. E dei um livro que eu ganhei dum amigo meu em São Paulo e ele levou para lê-*lo*.  
b. Não, ele estudava no mesmo grupo. Mas eu que nunca queria acompanhá-*lo*, né.

Luize (1997) sugere que o uso do clítico acusativo está condicionado à natureza do verbo e também ao traço [+animado] do antecedente, comprovando os resultados de Duarte (1986). Luize apurou que as sentenças com clítico acusativo que ainda sobrevivem são aquelas em que ele aparece enclítico a um

verbo infinitivo, como ilustrado em (18). E, na maioria dos casos, o antecedente do clítico apresenta traço [+animado].<sup>23</sup>

Como o português brasileiro vem sofrendo uma queda gradual dos clíticos de terceira pessoa, a ocorrência de *CLLD* vem sendo cada vez mais reduzida. Na verdade, ainda persistem algumas construções na língua escrita; porém, quando as mesmas são produzidas oralmente, soam obsoletas.

(19) a. ? O Pedro<sub>i</sub>, o João o<sub>i</sub> encontrou no cinema ontem.

b. ? Ao Pedro<sub>i</sub>, o João vai lhe<sub>i</sub> dar livros.

Essas sentenças se tornariam bem-formadas se os pronomes clíticos *o* e *lhe* fossem substituídos por *cv<sub>s</sub>*.<sup>24</sup> Dessa forma, o elemento resumptivo do tópico passaria a ser uma *cv*, e não um clítico, o que resultaria em um outro tipo de construção: Topicalização.

No português brasileiro ainda são produzidas construções *CLLD* como (20):

(20) O João<sub>i</sub>, acho que todos vão ajudá-lo<sub>i</sub> nesta hora de necessidade.

Neste caso, o tópico é retomado pelo clítico (*lo*) em posição de ênclise ao verbo principal (infinitivo). Nota-se que essa construção têm aceitabilidade maior do as construções em (19) em que o tópico é retomado pelos clíticos *o* e *lhe*.

Uma questão que surge é se as construções *CLLDs* são sensíveis ou não aos efeitos de ilhas fortes. Duarte (1987) avalia que no português europeu a *CLLD* com PP topicalizado retomado por um clítico em posição de objeto indireto é sensível a restrições de ilhas:

---

<sup>23</sup> Luize (1997) observa que de 1.282 dados (do falar dos açorianos de Florianópolis) contento objetos diretos anafóricos obteve somente 13 ocorrências de clíticos acusativos de terceira pessoa. Das 13 ocorrências 12 foram licenciadas por verbo no infinitivo ou por locuções infinitivas (como em (18)) e apenas 1 ocorrência com verbo finito. A autora verifica ainda que das 13 ocorrências de clíticos acusativos 11 são com antecedente [+animado] e 2 [-animado].

<sup>24</sup> Em sentenças como (19a) o clítico *o* também pode ser substituído por um pronome tônico (*ele*), constituindo assim uma construção *Hanging Topic*.

(21) a. \*Ao teu amigo<sub>i</sub>, conheço um editor [que ainda não lhe<sub>i</sub> pagou os direitos de autor]. (Duarte 1987:83).

b. \*Ao João<sub>i</sub>, não encontro livros [que lhe<sub>i</sub> possam ser úteis]. (Duarte 1987:84)

Em (21), os PPs topicalizados *ao teu amigo* e *ao João* não podem ser co-indexados com os clíticos (*lhe*) situados dentro das ilhas relativas.

Entretanto, esse julgamento não deve ser estendido a construções *CLLDs* com DP topicalizado retomado por um clítico em posição de objeto direto, como mostra Raposo (1998):

(22) a. Esses livros<sub>i</sub>, conheço o rapaz [que os<sub>i</sub> comprou].

b. Esses livros<sub>i</sub>, consegui sair da livraria a tempo [antes de os<sub>i</sub> comprar].

Diferentemente de (21), em (22) os tópicos *esses livros* podem ser co-indexados com os clíticos *os* dentro de uma ilha relativa (22a) e de uma ilha adjunta (22b).

Será que o contraste entre *CLLD* com clítico resumptivo em posição de objeto indireto (em (21)) e em posição de objeto direto (em (22)) pode ser estendido ao português brasileiro? Para saber, serão testadas as construções (19a-b) e (20) em ilhas relativas:

(23) a. O Pedro<sub>i</sub>, o João conhece o rapaz [que o<sub>i</sub> encontrou no cinema ontem].

b. Pro Pedro<sub>i</sub>, o João conhece o rapaz [que vai lhe<sub>i</sub> dar livros].

c. O João<sub>i</sub>, o Pedro encontrou o rapaz [que vai ajudá-lo<sub>i</sub>].

Em (23), nota-se que os clíticos *o*, *lhe* e *lo* encaixados nas ilhas relativas podem ser co-indexados com os constituintes topicalizados localizados na periferia esquerda da sentença. Isso indica que as construções *CLLDs* do português brasileiro não são sensíveis a restrições de ilhas, o que significa que o tópico foi gerado na posição em que se encontra (na periferia esquerda da sentença). A não-sensibilidade aos efeitos de ilhas é uma das propriedades que a *CLLD* tem em comum com a construção *Hanging Topic*.

### 1.3 Topicalização

No português brasileiro há construções em que o tópico deslocado a esquerda é retomado por uma cv no comentário (cf. Pontes 1987, Callou, D. et alli 1993, entre outros). Esse tipo de construção será denominado de Topicalização, seguindo designação proposta em Ross (1967).

Nesse tipo de construção, a cv pode aparecer em posição de objeto direto ou em posição de objeto indireto, como ilustram os seguintes exemplos:

(24) A parte decorativa<sub>i</sub>, eu adoro cv<sub>i</sub>. (FLP20L386).

(25) Da parte decorativa<sub>i</sub>, eu gosto cv<sub>i</sub>.

Os autores divergem sobre a identidade da categoria vazia que retoma o tópico. Raposo (1986), seguindo a análise de Huang (1984)<sup>25</sup>, propõe que a cv em posição de objeto é uma variável sintática. A proposta é baseada no fato de que a cv objeto é submetida a restrições de localidade (efeitos de ilhas), assim como os vestígios de movimento Wh.

Segundo o autor, no português europeu, essa cv pode ocorrer em sentenças simples como em (26), mas não em sentenças com ilhas sintáticas, como em (27):

(26) a. A Joana viu cv na TV ontem.

b. A Maria entregou o dinheiro ao Manuel, mas eu sei de algumas pessoas que nunca teriam entregue cv.

(27) a. \*O rapaz que trouxe cv mesmo agora da pastelaria era o teu afilhado.

b. \*O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado cv cuidadosamente no cofre.

---

<sup>25</sup> Huang (1984) afirma que línguas orientadas para o discurso podem apresentar tópicos nulos (ou não). O tópico nulo, estando em posição-A', vincula um argumento também nulo, que seria uma variável sintática. Segundo o autor, esse seria o caso do objeto nulo de línguas como o chinês e o japonês, por exemplo.

Na sentença (27a), a cv está encaixada em uma ilha relativa e, em (27b), em uma ilha adjunta (ambas ilhas fortes). Diferentemente das sentenças em (26), as em (27) violam condições de localidade, por isso não são bem-formadas.

Segundo Raposo (1986), a sensibilidade do objeto nulo a efeitos de ilhas revela que essa cv deve ser analisada como um vestígio deixado pelo movimento de um operador nulo para o CP mais alto da sentença. Em CP, esse operador vincularia a variável em posição de objeto.

Com base nessa análise, o autor sugere que uma sentença simples com objeto nulo como (26a), por exemplo, pode ser representada como (28):

(28) [<sub>CP</sub> Op<sub>i</sub> [a Joana viu cv<sub>i</sub> na TV ontem]]].

O operador nulo (Op) vincula a cv em posição de objeto. O operador é um tópico nulo que vai ser interpretado como co-referencial com um outro elemento no discurso.

Galves (1989) e Farrell (1990) constatam que as sentenças com objeto nulo que Raposo (1986) considera agramaticais em português europeu (sentenças como (27), por exemplo) são bem-formadas no português brasileiro, indicando que nessa língua essas sentenças não são sensíveis a restrições de ilhas. Esse fato levou os autores à conclusão de que o objeto nulo do português brasileiro não é da mesma natureza que o do português europeu, ou seja, não é uma variável, mas sim um elemento de natureza pronominal (um *pro*).<sup>26</sup>

Alguns autores, como Rizzi (1997) e Mioto (2001), apontam que a cv em posição de objeto em determinadas línguas não pode ser identificada com nenhuma das quatro categorias vazias (vestígio, *PRO*, *pro* ou variável) proposta por Chomsky (1981,1982). Como essa cv é [-anafórica], não pode ser um vestígio e nem *PRO*. Não pode ser também um *pro*, pois sentenças como (29) não são bem-formadas no português brasileiro:

---

<sup>26</sup> Galves (1993) propõe que a cv em posição de objeto (*pro*) é referencialmente identificado por um tópico nulo (ou lexicalizado) situado em Spec de AgrP na estrutura. Assim, a relação entre a cv e o tópico seria estabelecida diretamente, sem a mediação de outro elemento.

(29) \*A Joana<sub>i</sub> disse que o Pedro adora cv<sub>i</sub>.

Se a cv fosse de fato um *pro*, a sentença (29) deveria ser bem-formada, o que não acontece. Nesse caso, a cv objeto não pode ser co-indexada com o DP *a Joana* em posição de sujeito da sentença matriz.

Nota-se que a substituição da cv em (29) por um pronome tônico tornaria a sentença gramatical, indicando que a cv, nesse caso, não deve ser a versão sem matriz fonética de um pronome. A cv objeto que retoma o tópico não deve ser também uma variável, pois esse constituinte não é de natureza quantificacional. O tópico não funciona como um operador-A', vinculando uma cv variável em posição-A (cf. Rizzi 1997).

Seguindo proposta de Rizzi (1997), Miotto (2001) identifica a cv em posição de objeto no português brasileiro com uma constante nula (cn), licenciada por um operador nulo (um anafórico sem propriedades quantificacionais). Com base nessa proposta, o autor sugere que uma sentença como (24) pode ser representada da seguinte forma:

(30) A parte decorativa<sub>i</sub> [Op<sub>i</sub> [eu adoro cn<sub>i</sub>]]

Em (30), o operador nulo desempenha a função de conectar a cn ao tópico *a parte decorativa*. Essa função é semelhante à do clítico em construções *CLLD* que conecta a cv em posição de objeto direto ao tópico.

A cn em (30) seria gerada pelo movimento do operador nulo para CP e não pelo movimento do constituinte topicalizado. Essa mesma análise é estendida a construções em que o tópico corresponde ao objeto indireto, como em (25). Construções como essas são denominadas por Miotto (2001) de *Null Constant Left Dislocation* (Deslocamento à esquerda com constante nula).

Uma questão que surge é se os tópicos dessas construções são movidos para a periferia esquerda ou se são gerados nessa posição. Conforme discussão desenvolvida nas subseções 1.1 e 1.2 (sobre *Hanging Topic* e *Clitic Left Dislocation*), uma maneira de saber se houve ou não movimento de tópico é o teste das ilhas sintáticas. Serão testadas, primeiramente, construções em que as cv<sub>s</sub> objetos diretos estão encaixadas em ilhas relativas:

- (31) a. O Pedro<sub>i</sub>, a Maria não conhece ninguém [que tenha elogiado cv<sub>i</sub> ].  
b. O carro<sub>i</sub>, o Pedro conhece o rapaz [que quer comprar cv<sub>i</sub> ].

Nas construções em (31), as cv<sub>s</sub> que estão dentro de ilhas sintáticas podem ser co-indexadas com os tópicos *o Pedro* e *o carro* situados na periferia esquerda da sentença. Isso indica que essas sentenças não são sensíveis a efeitos de ilhas fortes e os tópicos não são gerados por movimento sintático, mas na posição em que se encontram.

A não-sensibilidade de construções com resumptivo nulo aos efeitos de ilhas fortes é apontado também por Kato (2001). A autora mostra que nessas construções a cv objeto pode aparecer dentro de ilhas:

- (32) a. Esse autor<sub>i</sub>, eu não conheço ninguém que tenha elogiado cv<sub>i</sub>. (Kato 2001:4)  
b. Esse livro<sub>i</sub>, a Maria conhece todo mundo que leu cv<sub>i</sub>. (Kato 2001:4)

Em (32), os tópicos *esse autor* e *esse livro* podem ser co-indexados com as cv<sub>s</sub> mesmo elas estando dentro de ilhas relativas, o que significa que essas construções não são sensíveis a ilhas fortes.

Parece que as sentenças com tópico não manifestam restrições quanto ao traço de animacidade (animado e inanimado) expresso pelo antecedente do objeto nulo. Ou seja, não há contraste entre o constituinte topicalizado animado e inanimado quanto à localidade. Tanto o tópico *o Pedro* (animado) quanto *o carro* (inanimado) em (31a) e (31b), por exemplo, podem ser co-indexados com cv<sub>s</sub> situadas em ilhas fortes.<sup>27</sup>

Considere agora construções com cv<sub>s</sub> objetos indiretos encaixadas em ilhas relativas:

---

<sup>27</sup> Em sentenças que não contêm tópicos, há contraste entre as que apresentam o antecedente do objeto nulo [+humano] e as que apresentam o antecedente [-humano], conforme apontado por Bianchi & Figueiredo Silva (1994):

- (i) a.\*O José<sub>i</sub> sabe que a Maria gostaria de conhecer cv<sub>i</sub>.  
b. Esse prato<sub>i</sub> exige que o cozinheiro acabe de preparar cv<sub>i</sub> na mesa.

Na sentença (ia), o DP *o José*, caracterizado pelo traço [+humano], não pode ser co-indexado com a cv em posição de objeto da sentença encaixada. Já em (ib), nota-se que o DP *esse prato* [-humano] pode ser co-indexado com a cv.

- (33) a. Com o Pedro<sub>i</sub>, eu conheço a moça [que casou cv<sub>i</sub>].  
b. Do Pedro<sub>i</sub>, eu conheço as pessoas [que não gostam cv<sub>i</sub>].

Nota-se que as sentenças em (33) são bem-formadas. As cv<sub>s</sub> objetos indiretos encaixadas dentro das ilhas relativas em (33) podem ser co-indexadas com os PPs topicalizados, o que indica que essas sentenças não são sensíveis a efeitos de ilhas. Esse fato conduz à conclusão de que nesse tipo de construção não houve movimento do constituinte topicalizado.

Em construções de Topicalização, o DP topicalizado pode estar co-indexado também com uma cv em posição de sujeito de uma sentença encaixada, como ilustra o seguinte exemplo:

- (34) E a televisão<sub>i</sub>, eu acho que cv<sub>i</sub> retirou um pouco (a participação comunitária) (FLP21L778).

Entretanto, quando o tópico está co-indexado com a cv sujeito de uma sentença matriz, a sentença apresenta um certo grau de marginalidade, como mostra a construção (35):

- (35) ? A televisão<sub>i</sub>, cv<sub>i</sub> retira um pouco a participação comunitária.

Esse fato conduz à conclusão de que, quando o tópico corresponde ao sujeito de uma sentença matriz, ele deverá ser retomado por um pronome tônico no comentário, e não por uma cv.<sup>28</sup>

Nesta seção, foi visto que o tópico das construções *Hanging Topic*, *Clitic Left Dislocation* e de *Topicalização* aparece deslocado à esquerda, preenchendo uma posição alta de tópico (em Spec de TopP) na periferia esquerda da sentença (cf. Rizzi 1997). A seguir, serão descritas e analisadas construções em que o tópico aparece deslocado à direita da sentença.

---

<sup>28</sup> É importante ressaltar que os resultados de uma pesquisa variacionista (SOARES, 2002) mostraram que quando o tópico corresponde ao sujeito sentencial de sentenças matrizes ele é retomado por um pronome tônico e não por uma cv.

## 2. Tópicos à direita

No português brasileiro há construções em que o tópico aparece deslocado à direita da sentença-comentário.<sup>29</sup> Esse tópico pode ser retomado por um pronome tônico ou por uma cv, constituindo dois tipos de construções.

### 2.1 Tópico retomado por pronome tônico

O tópico deslocado à direita pode ter como resumptivo um pronome tônico no comentário, como mostram os seguintes exemplos:

(36) Ele é cancerologista, o Augusto. (FLP23L533).

(37) Eles paravam aqui, os ITA. (FLP24L1094).<sup>30</sup>

Nessas sentenças, os DPs *o Augusto* e *os ITA* veiculam informação velha e destacam-se na sentença por serem antecidos por uma pausa, sendo interpretados como tópicos. As sentenças *ele é cancerologista* e *eles paravam aqui* são os comentários sobre os tópicos *o Augusto* e *os ITA*, respectivamente.

Apesar de esse tipo de tópico aparecer à direita do comentário, nota-se que ele é, aparentemente, simétrico ao *Hanging Topic*: o elemento topicalizado deve ser um DP e o elemento resumptivo deve ser um pronome tônico.

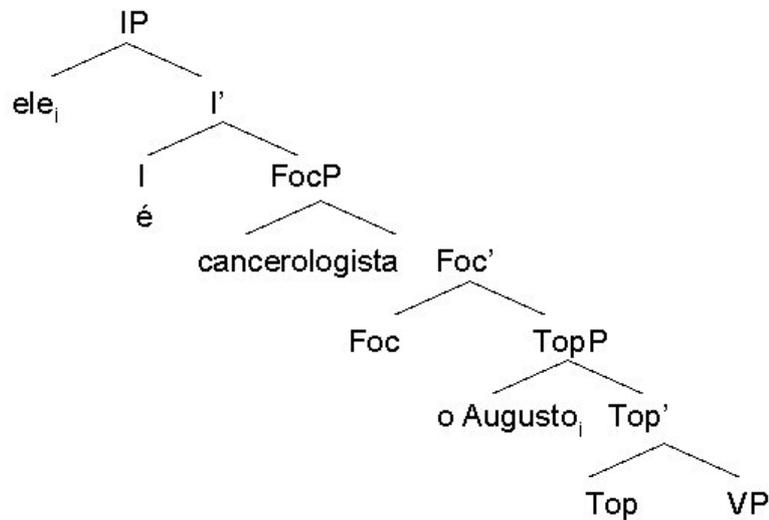
Diante disso, uma questão que surge é qual a posição disponível na estrutura para alojar o tópico deslocado à direita de construções como (36) e (37). Sugere-se que a posição disponível para receber o DP *o Augusto* em (36), por exemplo, não pode ser a posição baixa de tópico, interna ao IP (cf. Belletti 2001):

---

<sup>29</sup> Como mencionado no Capítulo 1, esse tipo de tópico foi denominado de *antitópico* por Ilari (1986) e por Tarallo & Kato (1989).

<sup>30</sup> O DP *os ITA* se refere a determinados navios do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (São Paulo).

(38)



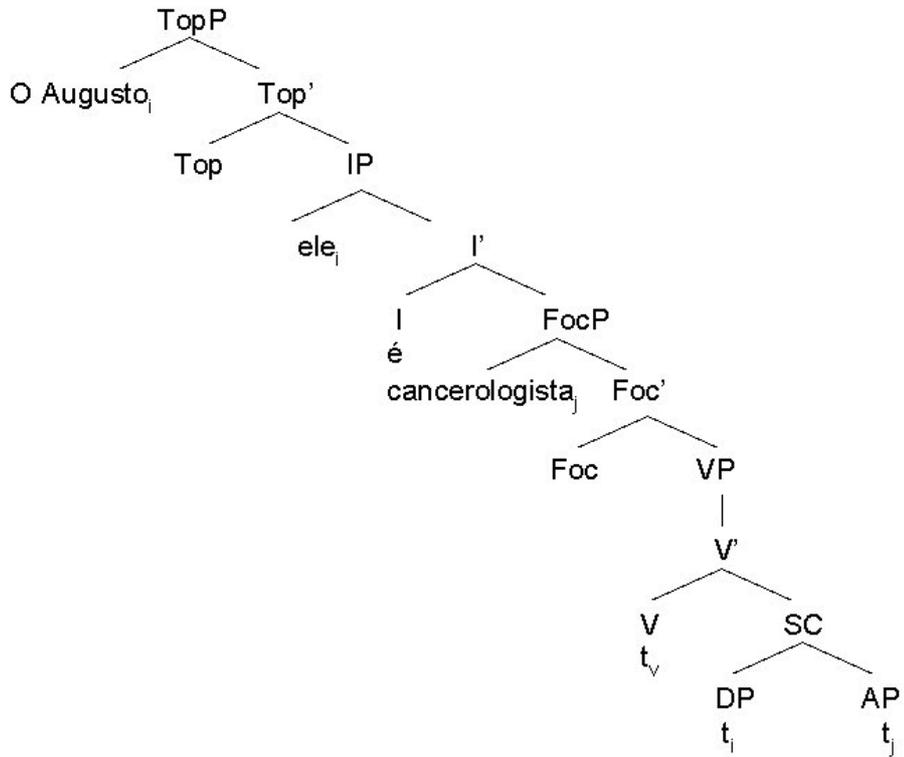
Se fosse, o tópico *o Augusto* nesta posição (em Spec de TopP baixo) poderia levar à violação do Princípio C da Teoria da Vinculação: o sujeito *ele* (em Spec de IP) c-comandaria o tópico com o qual está co-indexado, vinculando-o. Isso conduz à análise de que esse DP não deve preencher uma posição baixa de tópico (na periferia do VP), mas sim uma posição alta.

Assume-se que em (36) o DP *o Augusto* é gerado em uma posição alta de tópico (na periferia esquerda da sentença) acima do IP *ele é cancerologista*, como ilustra a seguinte estrutura:

(39) [<sub>TopP</sub> O Augusto [<sub>IP</sub> ele é cancerologista]].

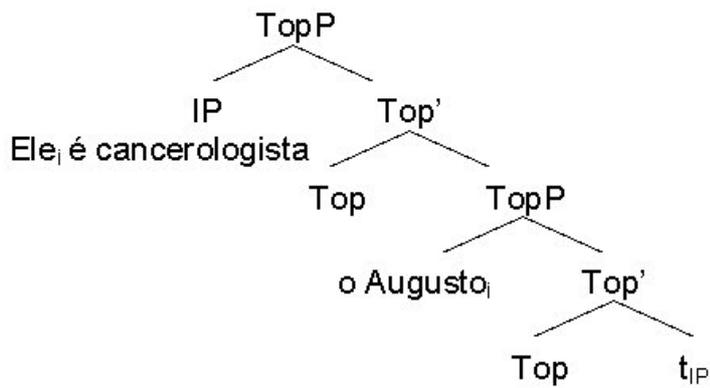
Em IP, o pronome resumptivo assume a posição de sujeito (em Spec de IP) e o constituinte *cancerologista* preenche uma posição baixa de foco (em Spec de FocP), sendo interpretado como foco não-contrastivo (cf. Belletti 2001):

(40)



Subseqüentemente, todo o IP é movido por cima do tópic *o Augusto* para uma posição ainda mais alta na estrutura, como mostra a representação (41):

(41)



Nota-se que, nessa estrutura, o sujeito *ele* em Spec de IP não c-comanda o DP topicalizado. Dessa forma, a sentença não viola o Princípio C da Teoria da Vinculação, resultando em uma sentença bem-formada. Sugere-se que a construção (37) (*Eles paravam aqui, os ITA*) tem uma representação semelhante a (41).

Observa-se que há uma forte tendência de o tópico deslocado à direita, co-indexado a um pronome tônico (e também a uma cv) em posição de sujeito, aparecer em construções com verbos monoargumentais. Mas ele pode aparecer também em construções com verbos transitivos, como ilustra a seguinte sentença (exemplo de Pontes 1987):

(42) Ela<sub>i</sub> machuca a cabeça, essa escova<sub>i</sub>.

A sentença (42), embora envolva um verbo transitivo (*machucar*), pode ser estruturada de maneira semelhante às sentenças com verbos monoargumentais (como em (41)). O DP *essa escova* é gerado em Spec de TopP na periferia esquerda da sentença. Em IP, o pronome tônico preenche a posição de Spec de IP e o DP *a cabeça* preenche a posição de Spec de FocP baixo. Em seguida, todo o IP é movido por cima do tópico *essa escova* para TopP mais alto.

O tópico deslocado à direita também pode estar co-indexado a um pronome tônico em posição de objeto direto, como mostra o seguinte exemplo:

(43) Eu vi ele<sub>i</sub> em cima da cama, o livro<sub>i</sub>.

Nesse caso, o tópico *o livro* está co-indexado com o pronome *ele* (objeto direto), situado internamente à sentença-comentário. Propõe-se que essa construção segue uma representação semelhante a do tópico sujeito, apresentada em (41).

Nota-se que quando o tópico deslocado à direita corresponde ao sujeito ou ao objeto direto ele é simétrico ao *Hanging Topic*. Entretanto, quando se trata do objeto indireto, verifica-se uma certa assimetria entre os dois tipos de tópicos, como ilustra o contraste entre (44) e (45):

- (44) a. \*O Pedro vai falar com ela<sub>i</sub> amanhã, a Maria.  
b. ?O Pedro vai falar com ela<sub>i</sub> amanhã, com a Maria.

- (45) a. A Maria<sub>i</sub>, o Pedro vai falar com ela<sub>i</sub> amanhã.  
b. \*Com a Maria<sub>i</sub>, o Pedro vai falar com ela<sub>i</sub> amanhã.

Quando o tópico deslocado à direita corresponde ao objeto indireto, ele não pode ser um DP, como indica a má-formação de (44a), mas pode ser um PP, como sugere a sentença (44b) (relativamente bem-formada). Entretanto, quando se trata do tópico deslocado à esquerda (em 45), o julgamento é outro: o tópico não pode ser um PP, mas sim um DP. O contraste entre (44) e (45) indica que a simetria entre o tópico deslocado à direita e o *Hanging Topic* é apenas aparente.

## 2.2 Tópico retomado por cv

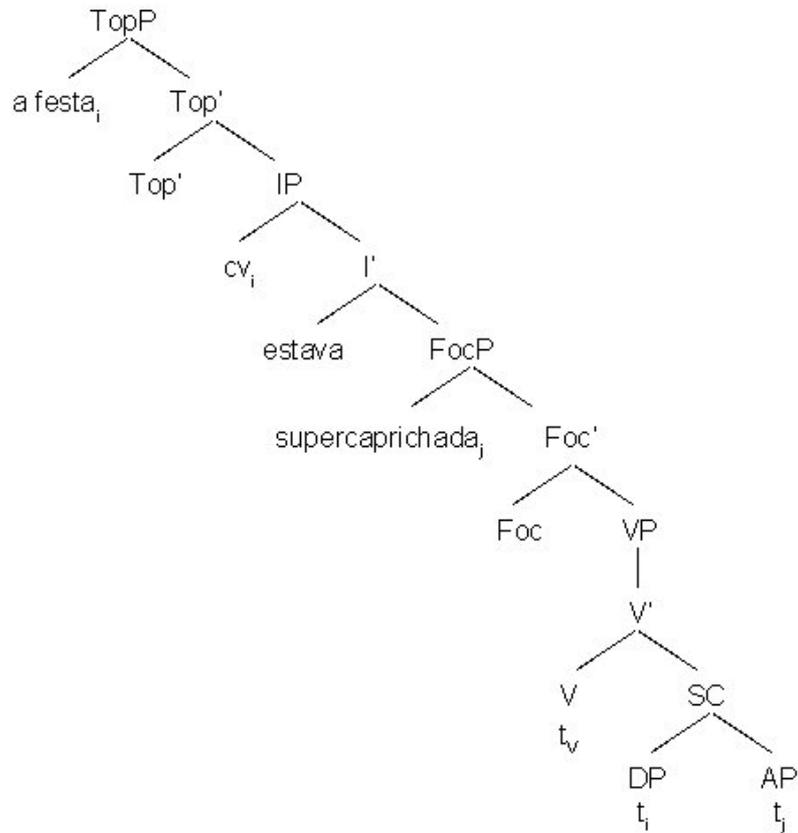
Há sentenças em que o constituinte deslocado à direita é retomado por uma cv, ao invés de um pronome tônico, como mostram os seguintes exemplos:

- (46) Estava supercaprichada, a festa. (FLP20L415).  
(47) Estão comendo muito chocolate, essas crianças. (Figueiredo Silva 1996:78).

Os DPs *a festa* e *essas crianças* expressam propriedades de tópico: veiculam informação velha e destacam-se na sentença por uma pausa. E, as sentenças que precedem os tópicos são os comentários. Diferentemente das sentenças (36) e (37), nestas sentenças não há pronomes tônicos em posição de sujeito para serem co-indexados com os tópicos, mas sim cvs.

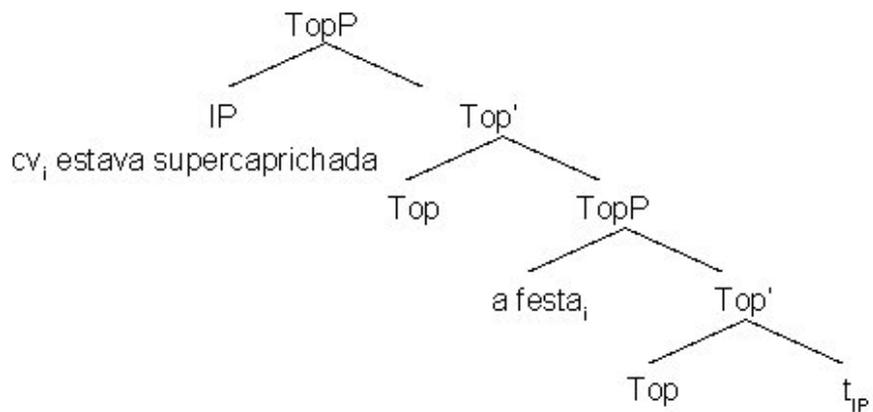
Apesar da ausência de pronome tônico, sugere-se que uma construção como (46), por exemplo, tem uma representação semelhante à proposta para sentenças com pronome tônico resumptivo: o DP topicalizado *a festa* é gerado em uma posição alta de tópico, acima do IP. Em IP, a cv (*pro*) que retoma o tópico assume a posição de sujeito (em Spec) onde satisfaz exigência de Caso. E, *supercaprichada* preenche a posição baixa de foco, como pode ser visto em (48):

(48)



Em seguida ocorre movimento do IP (*cv estava super caprichada*) por cima do tópico *a festa* para a posição de TopP mais alta na estrutura, como mostra a seguinte representação:

(49)



Uma questão que surge, a partir desses exemplos, é se esse tipo de construção é simétrico à construção de Topicalização. Em relação a construções com sujeito topicalizado, não é possível estabelecer um paralelo, pois em Topicalização dificilmente o tópico estará co-indexado com uma cv em posição de sujeito de uma sentença matriz (conforme discussão feita na subseção 1.3). Ao contrário, em construções com tópico deslocado à direita, o tópico pode estar co-indexado com uma cv sujeito de uma sentença matriz, como mostram os exemplos em (46) e (47).

O tópico deslocado à direita também pode estar co-indexado com uma cv em posição de objeto direto:

(50) Eu vi  $cv_i$  em cima da cama, o livro $_i$ .

Essa sentença segue representação semelhante à proposta para o tópico retomado por cv em posição de sujeito (em (49)), como ilustra a seguinte representação:

(51) [<sub>TopP</sub> [<sub>IP</sub> Eu vi  $cv_i$  em cima da cama] [<sub>TopP</sub> o livro $_i$  [<sub>t<sub>IP</sub></sub> ]]].

Em (51), o tópico *o livro* preenche a posição de Spec de TopP na periferia esquerda da sentença e todo o IP *eu vi cv em cima da cama* se move para TopP mais alto.

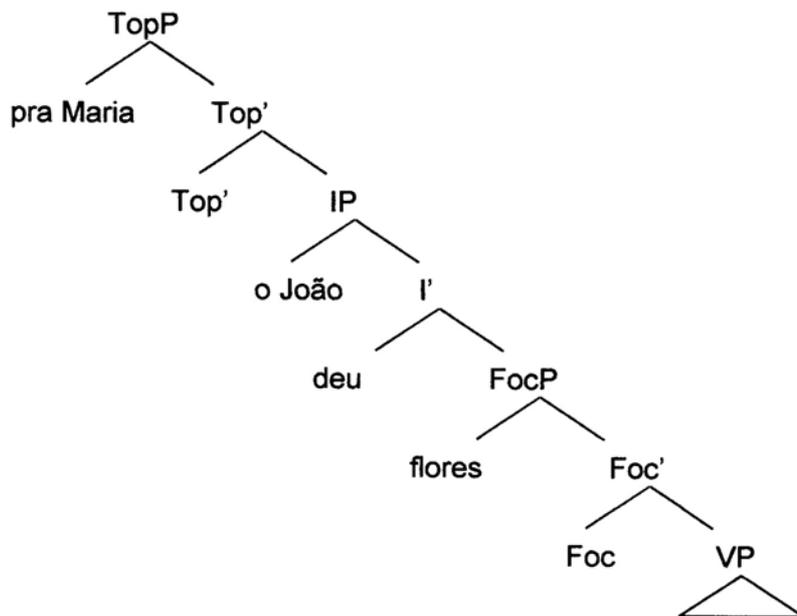
Em relação ao objeto direto, nota-se uma certa simetria entre a construção de tópico deslocado à direita e a de Topicalização, simetria esta também observada em construções com objeto indireto topicalizado:

(52) a. O João deu flores, pra Maria.  
b. Eu falei  $cv_i$  ontem, com a Maria.

Caso os PPs topicalizados *pra Maria* (52a) e *com a Maria* (52b) aparecessem na periferia esquerda (como em Topicalização), as sentenças continuariam bem-formadas.

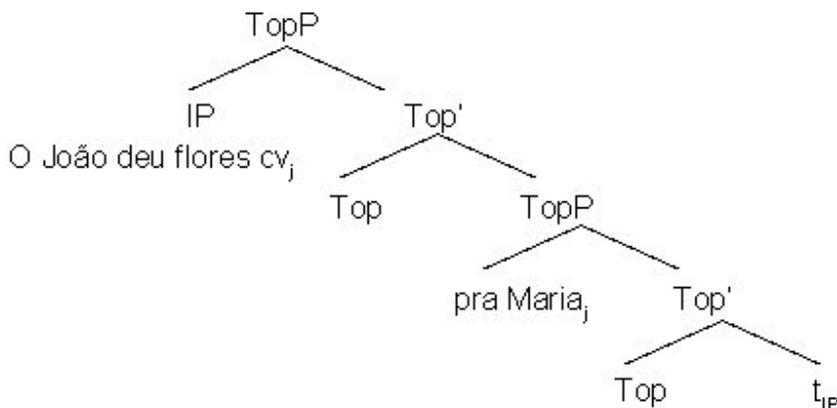
A sentença (52a) pode ter sido produzida como resposta a uma pergunta como *O que o João deu pra Maria?* Nesse caso, o DP *flores* veicula informação nova apenas, sendo interpretado como foco não-contrastivo. Com essa interpretação, o foco *flores* preenche a posição Spec de FocP baixo, interno ao IP, como representado em (53):

(53)



E, o PP topicalizado *pra Maria* preenche a posição de Spec de TopP na periferia esquerda da sentença. Subseqüentemente, o IP é movido para uma posição periférica ainda mais alta do que a posição ocupada pelo PP topicalizado:

(54)



Esses exemplos mostram que há uma certa simetria entre as construções com tópico deslocado à direita retomado por cv e construções de Topicalização.

### 3. Tópico intercalado

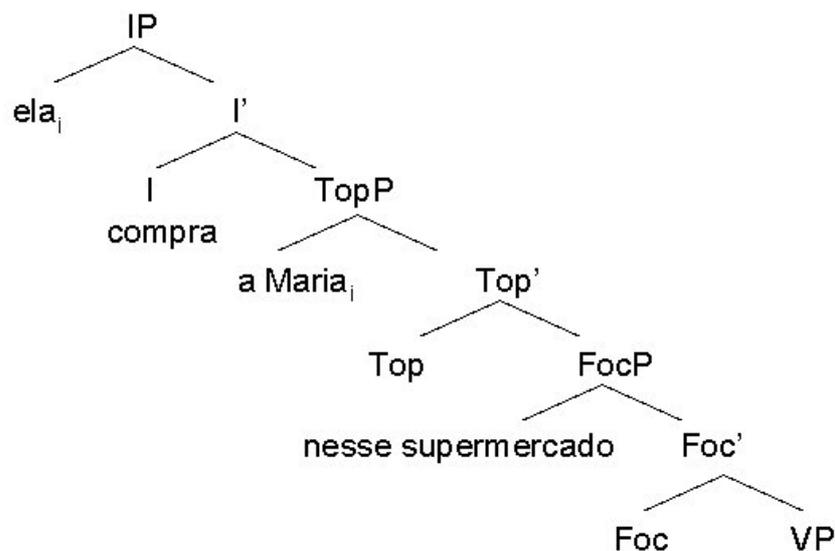
No português brasileiro há construções em que o constituinte topicalizado aparece intercalado na sentença-comentário, como ilustra o seguinte exemplo:

(55) Ela<sub>i</sub> compra, a Maria<sub>i</sub>, nesse supermercado.

Em (55), o DP *a Maria* expressa propriedades de tópico: veicula informação velha, destaca-se na sentença por pausa e tem como resumptivo um pronome tônico. O comentário sobre o tópico *a Maria* é a sentença *ela compra nesse supermercado*. Uma das propriedades desse tipo de tópico é a retomada por uma expressão lexicalizada (pronome tônico ou epíteto), não admitindo cv como resumptivo.

Assume-se que a posição disponível na estrutura para alojar o tópico *a Maria* em (55) não deve ser a posição baixa de tópico (proposta por Belletti (2001)):

(56)



Caso fosse, o DP topicalizado em Spec de TopP seria c-comandado pelo pronome tônico *ela* em Spec de IP, com o qual está co-indexado. Assim, a sentença (55) violaria o Princípio C da Teoria da Vinculação, que diz que uma expressão referencial deve estar livre. Esse fato conduz à conclusão de que *a Maria* deve preencher uma posição alta de tópico na periferia esquerda da sentença, e não uma posição baixa.

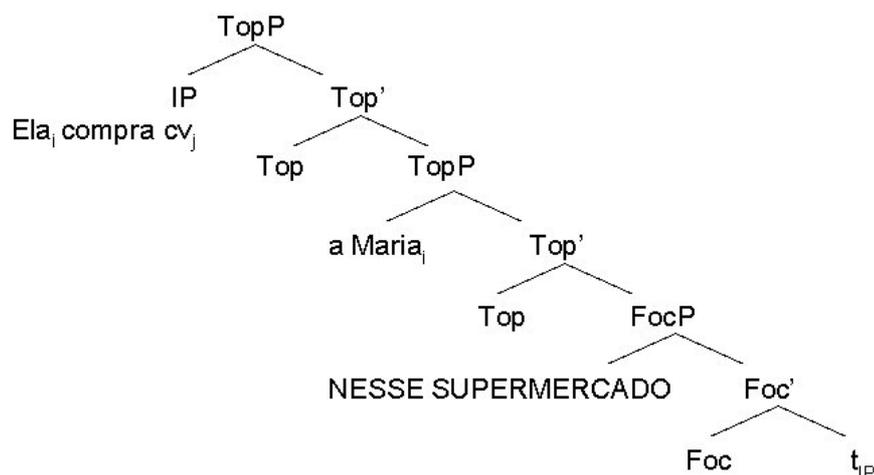
Uma sentença como (55) pode ter sido produzida para corrigir uma afirmação como (57A):

(57) A: A Maria compra naquele supermercado.

B: Não. Ela compra, a Maria, NESSE SUPERMERCADO (não naquele).

Nesse caso, o constituinte *NESSE SUPERMERCADO* em (57B) veiculará informação nova contrastiva e conterà um pico acentual, sendo interpretado como foco contrastivo. Com essa interpretação/entonação, esse constituinte preencherá uma posição alta de foco na periferia esquerda da sentença (cf. Belletti 2001). Assim, a sentença (57B) possui a seguinte representação:

(58)



O tópico *a Maria* é gerado em Spec de TopP na periferia esquerda da sentença e o constituinte *NESSE SUPERMERCADO* é deslocado para Spec de FocP alto, deixando uma *cv* (*variável*) em sua posição de origem. Em seguida, o IP

remanescente é movido por cima do foco e do tópico para uma posição periférica ainda mais alta (para TopP).

O tópico intercalado pode também ser retomado por um pronome tônico ou por um epíteto em posição de objeto direto, como ilustram os seguintes exemplos:

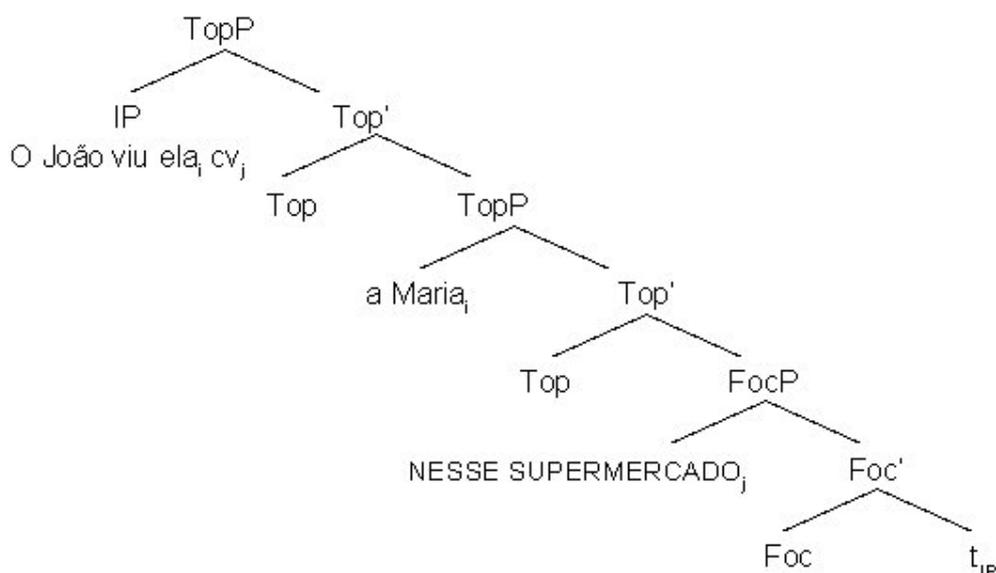
(59) a. O João viu ela<sub>i</sub>, a Maria<sub>i</sub>, nesse supermercado.

b. O João viu a cretina<sub>i</sub>, a Maria<sub>i</sub>, nesse supermercado.

Sugere-se que nas sentenças em (59), assim como em (57B), o constituinte *NESSE SUPERMERCADO* é interpretado como foco contrastivo. Ele assume assim uma posição alta de foco, abaixo da posição de tópico preenchida pelo DP *a Maria*.

Dessa forma, uma sentença como (59a), por exemplo, pode ser representada como:

(60)



O tópico *a Maria* é gerado em Spec de TopP na periferia esquerda da sentença e *NESSE SUPERMERCADO* é deslocado para Spec de FocP alto. Em seguida, ocorre movimento do IP remanescente (*o João viu ela cv*) por cima do foco e do tópico para uma posição periférica ainda mais alta na estrutura. Sugere-se que a sentença (59b) com tópico intercalado retomado por um epíteto apresenta uma estrutura similar a (60).

## 4. Resumo do capítulo

Foram descritos e analisados três tipos de construções com tópicos deslocados à esquerda da sentença-comentário: *Hanging Topic*, *Clitic Left Dislocation* e *Topicalização*. Em *Hanging Topic* apenas DPs podem ser topicalizados, o tópico é retomado por um pronome tônico e não há sensibilidade aos efeitos de ilhas fortes, indicando que o tópico foi gerado na periferia esquerda da sentença, e não por movimento. Já em *CLLD* qualquer XP pode ser topicalizado, o tópico é retomado por um clítico e não há sensibilidade aos efeitos de ilhas. E, em *Topicalização*, não há restrição quanto ao tipo de XP topicalizado, o tópico é retomado por uma cv e também não há sensibilidade aos efeitos de ilhas (quando o tópico corresponde ao objeto).

Diferentes análises foram apresentadas sobre a identidade da cv em posição de objeto em *Topicalização*. Raposo (1986) propõe uma variável; Galves (1989) e Farrell (1990) sugerem um *pro*; Rizzi (1997) e Mioto (2001) uma constante nula. Entretanto, não foi possível, nesse trabalho, chegar a uma conclusão precisa do tipo de cv que retoma o tópico nesse tipo de construção.

Analisaram-se também sentenças com tópicos deslocados à direita (tópico retomado por pronome tônico e retomado por cv) e com tópico intercalado. Assumiu-se que, assim como o tópico deslocado à esquerda, o tópico deslocado à direita e também o intercalado preenchem uma posição alta de tópico. Em deslocamento à direita, o constituinte topicalizado é gerado em Spec de TopP na periferia esquerda da sentença e o constituinte focalizado preenche a posição Spec de FocP interna à sentença; em seguida, ocorre movimento de todo o IP por cima do tópico para TopP mais alto. Em construções com tópico intercalado, o constituinte topicalizado também é gerado em Spec de TopP alto. No entanto, o constituinte focalizado preenche a posição Spec de FocP na periferia esquerda da sentença, abaixo da posição de tópico. Subseqüentemente, ocorre movimento do IP remanescente por cima do tópico e do foco para uma posição ainda mais alta na estrutura (para TopP).

## Conclusão

Neste trabalho foram descritos e analisados diferentes tipos de construções com tópico em português brasileiro: construções com tópico deslocado à esquerda, deslocado à direita e intercalado na sentença-comentário.

Primeiramente, descreveu-se como se dá a interpretação semântica de estruturas de foco-suposição e de tópico-comentário, seguindo proposta de Zubizarreta (1998) e de Reinhart (1982,1995). O foco foi definido como a parte da sentença que veicula informação nova e a suposição como a outra parte que veicula informação conhecida pelos interlocutores. Ao contrário, o tópico foi definido como informação velha e o comentário como um tipo de predicação que se aplica ao tópico, veiculando uma informação nova, mas podendo igualmente veicular informações dadas anteriormente no discurso.

Zubizarreta (1998) sugere que sentenças de foco-suposição e de tópico-comentário podem ser representadas na Estrutura de Asserção (AS), construída depois de LF. A estrutura de foco-suposição contém duas asserções ordenadas ( $A_1$  e  $A_2$ ), sendo que  $A_1$  contém a informação suposta (a suposição) e  $A_2$  a informação nova (o foco). A estrutura de tópico-comentário também possui duas asserções.  $A_1$  contém o tópico e a suposição e  $A_2$  contém novamente o tópico e o foco. Ao representar uma sentença com tópico na AS fica evidente que tópico e foco são constituintes distintos. O tópico é o sujeito de um predicado proposicional (cf. Reinhart 1995) que contém a suposição (em  $A_1$ ) e o foco (em  $A_2$ ).

De acordo com Reinhart (1995), o tópico desempenha um papel relevante na avaliação do valor de verdade da sentença. Em sentenças que contêm tópico a avaliação do valor de verdade é centralizada no constituinte topicalizado, facilitando assim o julgamento. Por exemplo, para avaliar o valor de verdade de uma sentença com sujeito topicalizado (S/SVO), deve-se verificar se o conjunto proposicional definido pelo tópico tem as propriedades definidas pelo predicado. Se sim, a sentença será verdadeira; caso contrário, será falsa.

Mostrou-se como alguns autores, como Rizzi (1997) e Belletti (2001), analisam sintaticamente sentenças que contêm constituintes topicalizados e focalizados. Rizzi expande o sistema CP em várias categorias funcionais: ForceP,

TopP, FocP e FinP. TopP e FocP são as categorias responsáveis por alojar constituintes topicalizados e focalizados. O foco é o especificador de FocP e a pressuposição é o seu complemento; o especificador de TopP é o tópico e o comentário é o seu complemento.

Embora o tópico e o foco se estruturem de forma semelhante na periferia esquerda da sentença, esses dois constituintes apresentam propriedades distintas. O tópico pode ser retomado por um elemento pronominal, não sofre os efeitos de *WCO*, não é compatível com quantificadores nus, é compatível com elementos *Wh* e é recursivo, ao contrário do foco (cf. Cinque 1990 e Rizzi 1997). As três primeiras propriedades estão relacionadas ao fato de apenas o foco ser um constituinte de natureza quantificacional (vincula uma cv variável em posição-A).

De acordo com Rizzi (1997), o foco da periferia esquerda expressa uma interpretação contrastiva e tem um acento especial. Esse constituinte é retomado necessariamente por uma cv variável, não admitindo como resumptivos elementos pronominais (clíticos ou não clíticos). Já o tópico destaca-se na periferia esquerda por uma pausa, podendo ser retomado na sentença-comentário por um elemento pronominal, diferentemente do foco.

Belletti (2001) propõe para a área interna do IP (periferia do VP) uma estrutura semelhante a que Rizzi (1997) sugere para o CP. Nessa área, estariam disponíveis posições baixas de tópico e de foco para alojar constituintes topicalizados e focalizados situados internamente à sentença. A posição Spec de FocP baixa seria preenchida pelo foco com interpretação não-contrastiva e a posição Spec de FocP alta seria ocupada pelo foco contrastivo/corretivo.

A análise da autora centra-se em construções com inversão do sujeito em italiano. Em sentenças VSO, com pausa entre o sujeito e o objeto, o objeto deslocado à direita pode ser retomado por um clítico ou por um vazio, constituindo duas construções distintas: *clitic right dislocation* (deslocamento à direita com clítico) e *emarginazione* (marginalização), conforme Antinucci & Cinque (1977) e Cardinaletti (2001). Segundo a autora, em ambas as construções o objeto preenche uma posição de tópico, porém são posições diferentes. Em deslocamento à direita com clítico o objeto preenche uma posição baixa de tópico (interna ao IP) e em marginalização preenche uma posição alta (na periferia

esquerda da sentença). O sujeito pós-verbal também ocupa diferentes posições nas duas construções. Na primeira, o sujeito preenche uma posição baixa de foco (com interpretação não-contrastiva) e, na segunda, uma posição alta (com interpretação contrastiva).

Partindo desses dois trabalhos (Rizzi 1997 e Belletti 2001), foram analisados diferentes construções com tópico em português brasileiro. O trabalho de Rizzi foi essencial para discutir os três tipos de sentenças com tópicos deslocados à esquerda: *Hanging Topic*, *Clitic Left Dislocation* e *Topicalização*. Assumiu-se que nessas construções o constituinte topicalizado preenche a posição de Spec de TopP na periferia esquerda da sentença e os elementos resumptivos ocupam posições-A na sentença-comentário.

A construção *Hanging Topic* se caracteriza pelas seguintes propriedades: o tópico deve ser apenas DPs, o elemento resumptivo é um pronome tônico e não há sensibilidade a restrições de ilhas fortes, indicado que o tópico é gerado na posição em que se encontra (na periferia esquerda da sentença). Já a *Clitic Left Dislocation* pode ter como tópico qualquer XP, tem como resumptivos pronomes clíticos e também não é sensível aos efeitos de ilhas. A *Topicalização*, assim como a *Clitic Left Dislocation*, não impõe restrições ao tipo de constituinte que pode ser tópico (qualquer XP), tem como resumptivo do tópico uma cv e também não é sensível a restrições de ilhas fortes. Isso conduz à conclusão de que o tópico nessas construções é gerado na periferia esquerda da sentença.

Foram analisados também dois tipos de sentenças com tópico deslocado à direita da sentença-comentário: com retomada por pronome tônico e com retomada por vazio. Os exemplos encontrados no *corpus* do VARSUL foram com tópico relacionado ao sujeito de sentenças com verbos monoargumentais. Entretanto, alguns autores, como Figueiredo Silva (1996) e Ilari (1986), mostram que esse tipo de tópico também pode corresponder ao sujeito ou ao objeto de sentenças com verbos transitivos.

Sugeriu-se que o constituinte topicalizado nessas sentenças é gerado em Spec de TopP alto, na periferia esquerda da sentença e o constituinte focalizado preenche a posição Spec de FocP baixo, interna ao IP. Subseqüentemente, todo o IP é movido por cima do tópico para uma posição ainda mais alta (para TopP).

Em construções com tópico intercalado, o constituinte topicalizado também é gerado em Spec de TopP alto. Contudo, o constituinte focalizado é deslocado da posição de origem para a posição de Spec de FocP alto (na periferia esquerda da sentença), sendo interpretado como foco contrastivo. Em seguida, ocorre movimento do IP remanescente por cima do foco e do tópico para a posição TopP mais alta na estrutura. Diferentemente do tópico deslocado à direita, o tópico intercalado pode ter como resumptivo apenas pronomes tônicos ou epítetos, não admitindo  $cv_s$ .

Os tópicos sujeito deslocado à direita e intercalado não podem preencher a posição baixa de tópico (interna ao IP), conforme proposta de Belletti (2001). Caso preenchessem, o pronome resumptivo em posição de sujeito (em Spec de IP) c-comandaria o DP topicalizado com o qual está co-indexado, o que levaria à violação do Princípio C da Teoria da Vinculação, que diz que expressões referenciais devem estar livres. Diante disso, uma proposta plausível para analisar essas construções é postular que o constituinte topicalizado preenche uma posição alta de tópico, e não baixa.

## Referências Bibliográficas

- ANTINUCCI & CINQUE (1977). *Sull' ordine delle parole in italiano:l'emarginazione* Studi di grammatica italiana 6, 121-146.
- BASTOS, A.C.P. (2001) *Fazer, eu faço! Topicalização de constituintes verbais em português brasileiro*. Campinas, SP. Dissertação de mestrado. Unicamp.
- BELLETTI, A. (2001) *Aspects of the low IP area*. Ms. Università di Siena.
- BIANCHI, V. e M. C. FIGUEIREDO SILVA (1994) On some properties of agreement-object in Italian and Brazilian Portuguese. In: Mazzola, M. (org.). *Issues and Theory in romance linguistics: selected papers from the Linguistic Symposium*. Washington, DC: Georgetown University Press.
- CALLOU, D. et alli. (1993) Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In: Catilho, A. (org). *Gramática do português falado*. Vol. III. Campinas: Editora da Unicamp.
- CARDINALETTI, A. (2001) A second thought on Emarginazione: Destressing vs. "Right Dislocation". *Current Studies in Italian Syntax. Essays offered to Lorenzo Renzi*, ed. G. Cinque & G. Salvi. Amsterdam: Elsevier.
- \_\_\_\_\_ (2002) Against optional and null clitics: Right Dislocation vs. Marginalization. *Studia Linguistica*. Vol. 56, 1(abril), 29-57.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_ (1982) *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge (MA): MIT Press.
- \_\_\_\_\_ (1986) *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- \_\_\_\_\_ (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge (MA): MIT Press.
- CINQUE, G. (1990) *Types of A' dependencies*. Cambridge (MA): MIT Press.
- CYRINO, S. (1993) Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: Roberts, I. & Kato, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_ (1998) *Objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL.

- DUARTE, I. (1987) *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Lisboa. Tese de doutorado-Universidade de Lisboa.
- DUARTE, M.E.L. (1986) *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. São Paulo. Dissertação de mestrado-PUCSP.
- FARRELL, P. (1990) Null objects in Brazilian Portuguese. *Natural language and linguistic theory*. Vol. 8.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1996) *A posição do sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp.
- FRASCARELLI, M. (2000) *The syntax-phonology interface in focus and topic constructions in Italian*. Dordrecht: Kluwer.
- GALVES, C. (1989) *O objeto nulo no Português Brasileiro: percurso de uma pesquisa*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, 17, 65-90.
- \_\_\_\_ (1993) O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. In: Roberts, I. & Kato, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_ (1998) *Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no Português Brasileiro*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, 34, 19-31.
- \_\_\_\_ (2001) *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp.
- HUANG, J. (1984) *On the distribution and reference of empty pronouns*. Linguistic Inquiry, 15, 531-575.
- ILARI, R. (1986) *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp.
- KATO, M. (1998) *Tópico como alçamento de predicados secundários*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, 34, 67-76.
- \_\_\_\_ (2001) *Null objects, null resumptives and VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese*. Artigo apresentado no Encontro Going Romance, Holanda.
- LI, C. & S. THOMPSON (1976) Subject and topic: a new typology of language. In: Li, C. (org.). *Subject and topic*. New York: Academic Press.
- LUIZE, T.B. (1997) *Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis*. Florianópolis. Dissertação de mestrado. UFSC.

- MIOTO, C. et alli. (1999) *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular.
- MIOTO, C. (2001) *Sobre o sistema CP no português brasileiro*. Revista Letras. Curitiba: Editora da UFPR, 56, 97-139.
- PAGOTTO, E. (1993) Clíticos, mudança e seleção natural. In: Roberts, I. & Kato, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- PONTES, E. (1987) *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- RAPOSO, E. (1986) On the null object in European Portuguese. In: Jaeggli & C. Silva-Corvalan (orgs.). *Studies in romance linguistics*. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_ (1998) *Colocação dos clíticos e posições do sujeito em PE*. Seminário apresentado na PUCRS. Agosto/1998.
- REINHART, T. (1982) *Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics*. Indiana University Linguistics Club. Bloomington. Philosophica 27, special issue on Pragmatic Theory.
- \_\_\_\_\_ (1995) *Interface strategies*. Research Institute for Language and Speech Utrecht University.
- RIZZI, L. (1997) The fine structure of left periphery. In: Haegeman, L. (eds). *Elements of Grammar*. Kluwer Academic Publishers. 281-337.
- ROSS, J. R. (1967) *Constraints in variables in syntax*. Tese de doutorado - MIT.
- SOARES, Sônia Rita (2002) *Tópicos na Ilha de Santa Catarina: uma abordagem variacionista*. Trabalho apresentado para a conclusão da disciplina Sociolingüística. UFSC.
- TARALLO, F. & M. A. KATO (1989) *Harmonia trans-sistêmica: variação intra e inter-Lingüística*. Campinas, Preedição 5.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1998) *Prosody, focus and word order*. Cambridge (MA): MIT Press.